UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

DAIANY RODRIGUES DE MIRANDA

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOCENTE EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Marabá – PA
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

DAIANY RODRIGUES DE MIRANDA

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOCENTE EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Campo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, com ênfase em Letras e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa.

Marabá – PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá,PA

Miranda, Daiany Rodrigues de
Ensino de língua portuguesa e reflexões linguísticas: uma análise da atuação docente em uma escola do campo / Daiany Rodrigues de Miranda ; orientador, Lucivaldo Silva da Costa. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2018.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Linguística. 3. Linguagem e línguas - Variação. 4. Professores de português - Metodologia. 5. Língua portuguesa – Variação. I. Costa, Lucivaldo Silva da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 469.07

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira
Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

DAIANY RODRIGUES DE MIRANDA

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E REFLEXÕES SOCIOLINGUISTICAS: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOCENTE EM UMA ESCOLA DO CAMPO

.
Data da avaliação: 26 de Fevereiro de 2018.

Banca Examinadora

_____

Lucivaldo Silva da Costa
Orientador (Presidente):

_____

Hiran de Moura Possas
Membro 1:

_____

Maria Tereza Barboza Maracaipe
Membro 2:

Aos professores que fizeram parte da minha formação acadêmica.

Aos professores de Língua Portuguesa que permitiram que eu desenvolvesse a pesquisa em sua sala de aula.

Agradecimento

Primeiramente a Deus, que nos concedeu a capacidade de concluir este trabalho.

A meu esposo Nevilson, por sempre me apoiar nesta caminhada.

Aos meus filhos Matheus e Lucas Gabriel, que suportaram minha ausência sempre no período de férias escolares.

Aos meus pais Domingos e Zilma que me incentivaram desde pequena, suportando a distância, as dificuldades para que pudesse me manter na escola.

Aos meus irmãos, Claudio e Domingos Júnior, os quais sempre me apoiaram e me motivaram para que nunca viesse a desistir desta caminhada árdua.

Ao meu orientador, Lucivaldo, que teve toda paciência ao orientar, ajudar e me incentivar para que concluísse este trabalho.

Ao amigo e parceiro Jonas, que sempre me ajudou nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Tenho muito orgulho de ser professora, e serei até os últimos dias de minha vida... gosto de pensar que somos como pastores, que com o poder da oralidade, conduzimos nossas ovelhinhas a trilharem os caminhos da vida.

[Professora do Campo]

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar como é tratada a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa na Escola José Inocente Júnior localizada na Vila Cruzeiro do Sul, Itupiranga, Pará. A metodologia de pesquisa pensada para este estudo é a pesquisa qualitativa com inspirações etnográficas, pois a mesma trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Inicialmente foi feita uma análise de conteúdo das orientações expressas nos PCN's de Língua Portuguesa. Apresentamos a proposta da pesquisa para a equipe gestora da escola pesquisada e para os professores que ensinam Língua Portuguesa – dos cinco professores que trabalham com essa disciplina, apenas duas concordaram em participar, ambas trabalham nas turmas do 7º e 9º ano. Retomamos parte das pesquisas Socioeducacionais como suporte para produzir a historicidade da escola e da comunidade pesquisada – Este recorte consiste das entrevistas realizadas com os moradores mais antigos da comunidade, que contam a sua trajetória de vida e a formação da comunidade ao longo dos anos. Realizamos observações nas salas de aula nas turmas do 7º e 9º ano, no intuito de visualizar como ocorre a metodologia das professoras e suas interações com a questão da variação linguística dos alunos. Esperamos contribuir para uma discussão de que em nossa comunidade, como em qualquer outra, a) a norma é a diversidade e a pluralidade linguística, b) a escola deve ser o espaço privilegiado para o acolhimento e desenvolvimento das diversas variedades linguísticas existentes em nossa comunidade e c) que nossos alunos e professores possam se tornar poliglotas da própria língua, habilitados a transitar nos diversos níveis de registros nas modalidades oral e escrita de nossa língua materna, em conformidade com os contextos próprios de uso. Infelizmente, os resultados não são nada animadores: eles mostraram parecer haver uma mecanização do ensino de Língua Portuguesa e supervalorização da linguagem escrita padrão.

Palavras-Chave: Educação do Campo; variação linguística; preconceito linguístico; Vila Cruzeiro do Sul.

ABSTRACT

This work aims to investigate how linguistic variation in Portuguese language teaching at the José Inocente Júnior School located in Vila Cruzeiro do Sul, Itupiranga, Pará is treated. The research methodology designed for this study is qualitative research with ethnographic inspirations. Initially, a content analysis of the guidelines expressed in the Portuguese Language NCPs was done. We present the research proposal to the management team of the researched school and to the teachers who teach Portuguese Language - of the five teachers who work with this discipline, only two have agreed to participate, both work in the 7th and 9th grade classes. We retake part of Socio-educational research as a support to produce the historicity of the school and the community researched - This clipping consists of interviews with the oldest residents of the community, who tell about their life trajectory and community formation over the years. We made observations in the classrooms in the 7th and 9th grade classes, in order to visualize how the teachers' methodology and their interactions with the question of the linguistic variation of the students occur. We hope to contribute to a discussion that in our community, as in any other, a) the norm is diversity and linguistic plurality, b) the school must be the privileged space for the reception and development of the diverse linguistic varieties existing in our community and c) that our students and teachers can become multilinguals of their own language, able to pass through the different levels of records in the oral and written modalities of our mother tongue, according to their own contexts of use. Unfortunately, the results are not encouraging: they showed that there was a mechanization of Portuguese language teaching and overvaluation of standard written language.

Keywords: Field Education; linguistic variation; language prejudice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
1.1. A propósito do estudo 10
1.2. Referencial teórico. 11
1.3. Estudos anteriores sobre a vila Cruzeiro do Sul 12
1.4. Condições da pesquisa 13
1.5. Auxiliares de pesquisa 14
1.6. Estrutura do trabalho 14
2. HISTORICIDADE DA VILA CRUZEIRO DO SUL 14
2.1. Transformação da economia e modernização das atividades agrícola. 15
2.2. Percurso político emancipatório. 17
2.3. Identidade da Vila Cruzeiro do Sul. 18
2.4. Da exploração da madeira à exportação de bovinos. 20
2.5. Caracterização da escola José Inocente Júnior 22
2.6. Perfil dos estudantes das turmas do 7º e 9º. 26
2.7. Conclusão 26
3. REFLEXÕES A RESPEITO DA NATUREZA HETERÓCLITA DA LÍNGUA E DE SEU ENSINO 27
3.1. A Sociolinguística 27
3.1.1. A variação linguística 28
3.1.2. Variação e ensino de língua 30
3.2. Ensino de língua segundo os PCN's 31
3.3. Os gêneros textuais e o ensino de língua 34
4. O PERCURSO METODOLÓGICO 37
4.1. Sobre a escola pesquisada. 37
4.2. Sobre as escolhas da pesquisa 38
4.3. Sobre o perfil das professoras 39
4.3.1. Professora 1 (P1) 39
4.3.2. Professora 2 (P2) 40
4.4. Etapas da pesquisa 40
4.5. Instrumentos da pesquisa 41
4.5.1. Observação 41
4.5.2. Entrevista com as professoras 42
4.6. Análises 44
4.6.1. Sobre a professora 1 44
4.6.2. Sobre a professora 2 49
4.7. P1 e P2, atividade em comum. 55
4.8. Conclusão 58
CONSIDERAÇÕES FINAIS 58
5.0. ANEXO: 59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 60

1. INTRODUÇÃO

1.1. A propósito do estudo

Esse trabalho de conclusão de curso busca investigar como tem sido tratado o ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa na Escola José Inocente Júnior, localizada na Vila Cruzeiro do Sul, Itupiranga, Pará, local em que foram realizadas todas as pesquisas do tempo espaço comunidade,[1] durante os quatro anos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, do qual sou discente: pesquisas e estágios docência de observação e intervenção em sala de aula do Ensino Fundamental e Médio.

Durante o período de realização dessas atividades surgiram inquietações acadêmicas e sociais que me motivaram a realizar esta pesquisa. Nesse sentido, este estudo tenta responder a seguinte questão: em que medida o professor de língua portuguesa da EMEF José Inocente Júnior compreende a diversidade linguística do cotidiano dos alunos e como sua prática pedagógica revela sua concepção de língua/linguagem?

Assim, iniciamos um estudo para tentar mostrar como a questão da variação linguística tem sido tratada no espaço escolar, sobretudo durante as aulas de língua portuguesa. Inquietava-me descobrir se toda a gama de diversidade sociocultural dos sujeitos que se encontram na comunidade Cruzeiro do Sul, Itupiranga – Pará – advindos de diferentes regiões do Brasil e, portanto, com experiências sociolinguísticas e culturais diversas acumuladas em suas interações em suas respectivas comunidades de

[1] O curso Licenciatura em Educação do Campo tem em sua dinâmica a pesquisa de campo, realizada pelos estudantes em suas comunidades durante os períodos intervalares do curso.

fala – eram consideradas durante as aulas de língua portuguesa, visando à construção de saberes significativos ao ensino de Língua portuguesa para os estudantes, que poderiam refletir sobre as variáveis que condicionam a variação linguística, ou se o professor simplesmente ignora a diversidade linguística, restringindo-se ao ensino do dialeto padrão e negligenciando aos alunos o direito ao uso de outras variedades de expressão verbal.

A partir desse diagnóstico, pretendemos sugerir a escola como o espaço privilegiado e legítimo para o ensino plural de Língua Portuguesa na certeza de que, por meio do ensino da variação linguística, representada pela diversidade cultural dos sujeitos da Vila Cruzeiro do Sul, os alunos possam tornar-se poliglotas da própria língua[2], habilitados a transitar nos diversos níveis de registros e nas modalidades oral e escrita de nossa língua materna.

A partir de narrativas orais, pretendemos descrever a historicidade da vila Cruzeiro do Sul e EMEF José Inocente Júnior, bem como, a concepção de língua/linguagem dos professores de Língua Portuguesa a partir de suas práticas linguísticas em sala de aula.

1.2. Referencial teórico.

De posse dessas observações, pretendemos analisar as práticas pedagógicas das professoras de Língua Portuguesa e mostrar em que elas têm contribuído para o estudo reflexivo sobre a variação linguística, em que medida os estudos sobre a variação – se houver- têm contribuído para a democratização dos falares diversos no espaço escolar e para a diminuição do preconceito linguístico, uma vez que, à escola, não cabe ignorar as variedades dos alunos, tampouco exercer juízo de valor sobre elas como ‘errada’ ou ‘correta’, ‘bonita’ ou ‘feia’; cabe à escola, sim, deixar sempre claro o que:

> As línguas humanas são, sem dúvida, excelentes instrumentos de comunicação, embora mal-entendidos entre os seres humanos sejam comuns, mesmo quando há domínio de uma mesma língua, de uma mesma variedade. As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua. (SCHERRE, 2005, p. 10)

[2] Ser poliglota da própria língua é saber adequar o modo de falar, é valorizar as variações linguísticas dentro das comunidades, respeitando a identidade do outro falante e consequentemente, tendo sua própria identidade respeitada, alternando entre as diversas possibilidades de realização de um língua.

Nesse sentido, afirmamos que a função de uma língua é possibilitar a comunicação e interação entre os sujeitos falantes. Se o sujeito é compreendido ao proferir enunciados em sua variedade linguística, então houve interação e comunicação e a língua, portanto, cumpriu seu papel. Assim, o presente estudo tenta articular como ocorre o funcionamento do processo educativo, o respeito aos sujeitos oriundos do campo, que vêm à escola e que muitas vezes sofrem preconceitos e, não raro, acabam sendo excluídos pela instituição de ensino que, via de regra, deveria acolhê-los.

Nossa intenção não é denegrir o trabalho dos profissionais da educação na instituição pesquisada, mas suscitar debates sobre a metodologia usada no ensino de Língua Portuguesa e de mostrar de que forma ela influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 7º e 9º anos; pois, em vários estudos durante as aulas do Curso de Educação do Campo e em vários estudos e discussões teóricas (BAGNO,2012; ANTUNES,2007; BORTONI,2004; POSSENTI,2006; SCHERRE,2005; BRASIL,1998, dentre outros) verificamos ser possível ensinar Língua Portuguesa respeitando as variedades linguísticas, as quais, não raro, são classificadas como "erradas" pela tradição gramatical – sentimento incorporado ao senso comum, seja na modalidade oral, seja na escrita em uma tentativa de reprimir os alunos a expressarem suas ideias no vernáculo, variedade em que se sentem mais à vontade e mais seguros para interagir.

A presente pesquisa consiste em observações das aulas de Língua Portuguesa nas turmas de 7º e 9º anos na tentativa de mostrar a relação entre professores e alunos com relação aos usos das variedades linguísticas e ao tratamento dado a elas pelo professor em sala de aula.

1.3. Estudos anteriores sobre a vila Cruzeiro do Sul

Encontramos dois trabalhos relacionado à Vila Cruzeiro do Sul. O primeiro deles é uma produção acadêmica intitulada "Meus primeiros poemas", produzida a partir da pesquisa socioeducacional do Curso de Educação do Campo, realizada pelos discentes Daiany Miranda e Jonas Souza, estudantes da turma de 2013. Está produção reúne poemas que narram a trajetória da EMEF José inocente Júnior e da Vila Cruzeiro do Sul- Itupiranga-Pa. Todos os poemas foram feitos pelos alunos da comunidade.

A segunda produção escrita sobre a Vila Cruzeiro do Sul é o TCC intitulado “As Metodologias Utilizadas no Ensino de Ciências Naturais nas turmas do 6º ano da Escola José Inocente Júnior –Vila Cruzeiro do Sul – Itupiranga – Pará” produzida por Nevilson Ferreira de Oliveira Filho, estudante do Curso de Educação do Campo – UNIFESSPA. Nesta produção, o autor faz reflexões sobre o processo de construção do conhecimento, tomando como foco de sua análise, as metodologias utilizadas pelos professores de Ciências Naturais, num contexto social na EMEF José Inocente Júnior.

Pesquisas como estas são de grande importância para a comunidade; são uma forma de eternizar a memória da Vila. É válido ressaltar também o protagonismo desses pesquisadores em produzir conhecimento sistematizado sobre a Vila Cruzeiro do Sul, que somente foi possível a partir do acesso dos sujeitos da própria Vila à Licenciatura em Educação do Campo da UNIFESSPA.

1.4. Condições da pesquisa

Inicialmente foi feita uma análise de conteúdo das orientações expressas nos PCNs de Língua Portuguesa, dos documentos disponibilizados pela escola e das pesquisas já desenvolvidas na comunidade pesquisada no intuito de compreender a estrutura pensada para atender as escolas do campo e como o sistema de ensino se articula com as variedades linguísticas dos sujeitos do campo, um vez que:

> Através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação [...] diz respeito à descoberta do que está por traz dos conteúdos manifesto, indo além das aparências do que está sendo comunicado (GOMES, 1994, p. 74).

Diante do exposto, apresentamos a proposta da pesquisa para a equipe gestora da escola e para os professores que ensinam Língua Portuguesa. Dos cinco professores que trabalham com essa disciplina, apenas dois concordaram contribuir na pesquisa. Ambos trabalham nas turmas do 7º e 9º anos.

Foi possível retomar parte das pesquisas socioeducacionais como suporte para produzir a historicidade da escola e da comunidade pesquisada. Este recorte consiste das entrevistas realizadas com os moradores mais antigos da comunidade, que contam a sua trajetória de vida e a formação da comunidade ao longo dos anos.

Foram realizadas entrevistas com duas professoras de Língua Portuguesa que ensinam nas turmas do 7º e 9º anos, o que tornou possível descrever o perfil destas professoras e como elas concebem o ensino da variação linguística no desdobramento de suas práticas.

Realizamos observações nas salas de aula nas turmas do 7º e 9º anos, no intuito de visualizar como ocorre a metodologia das professoras e suas interações com a questão da variação linguística.

1.5. Auxiliares de pesquisa

Para a realização deste estudo foi possível articular com diversos sujeitos que contribuem no ambiente educacional social da escola e comunidade. Neste sentido, em conversas informais, realizamos entrevistas com seis moradores mais antigos da comunidade, os quais narraram a historicidade da comunidade e da escola. Também entrevistamos duas professoras de Língua portuguesa e observamos suas aulas nas turmas do 7º e 9º ano.

1.6. Estrutura do trabalho

Este estudo está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da introdução. O segundo capítulo trata da historicidade da localidade e da escola, trazendo as vozes dos sujeitos moradores pioneiros na região, primeiros professores, os quais nos contam, com propriedade, como surgiu este espaço formal de educação de grande importância para a nossa comunidade. O terceiro discorre sobre a fundamentação teórica, no qual discutimos sobre o que é a variação linguística, o que é ensino de língua de acordo com os autores mobilizados neste estudo. O quarto capítulo é dedicado à análise e reflexão da coleta de dados, descrição sobre a concepção de língua/linguagem e metodologia das professoras, observando principalmente o tratamento dado à variação linguística dos sujeitos falantes da escola José Inocente Júnior.

2. HISTORICIDADE DA VILA CRUZEIRO DO SUL

A Vila Cruzeiro do Sul é parte integrante do município de Itupiranga, no Estado do Pará e está localizada aproximadamente a duzentos quilômetros da sede do município. É uma antiga área da União com partes pertencentes ao INCRA. Fundada em 1990, recebeu inicialmente o nome de Quatro Bocas. Mas, devido ao fato de as primeiras casas da vila terem sido construídas em torno de quatro estradas em forma de um cruzeiro, a vila industrial passa a ser denominada de Vila Cruzeiro do Sul.

Com o objetivo de exploração de madeira, chega à Vila em 1994 a serraria Irmãos Carneiros, pois, os irmãos Carneiros são os dois grandes proprietários dessa empresa que foi a responsável pelo grande inchaço populacional no ano de 1996, período em que os migrantes maranhenses chegaram com suas famílias e estabeleceram moradias fixas nesse local. É importante dizer, que mesmo depois do fechamento da serraria em consequência da escassez da madeira nas proximidades da Vila, os migrantes já estabelecidos permaneceram nessa comunidade, os quais, hoje, são, em sua grande maioria, pequenos comerciantes ou agricultores e, até mesmo, pequenos fazendeiros.

Com a chegada da serraria deu-se início à exploração de madeira em larga escala, causando uma forte migração para a Vila, que já em 1996 apresenta um inchaço populacional com a vinda de muitos trabalhadores. Em 2009, já havia uma comunidade rural constituída por 18.000 mil habitantes. (Fonte: Documento oficial da Câmara dos vereadores, 2009)

No entanto, com a escassez da madeira, a partir da derrubada das matas para a formação de pastos, a economia local foi se transformando; foi crescendo, na comunidade, uma dinâmica econômica e social pautada na compra e venda de bovino e a criação de gado leiteiro e de corte. Este, é o produto de exportação, vendido principalmente ao frigorífico JBS localizado na cidade de Marabá, o qual compra em grande escala a produção agropecuária da região, sem distinção entre boi e vaca.

2.1. Transformação da economia e modernização das atividades agrícola.

A economia local pouco a pouco foi se alterando. Devido ao crescimento da produção de gado de leite e de corte nos arredores da comunidade, começaram a se instalar algumas empresas de produtos agropecuários responsáveis por abastecer esse novo mercado. Então, a Vila Cruzeiro do Sul passou a ser considerada uma potência

econômica de grande influência no município de Itupiranga. A figura abaixo mostra parte do processo da ordenha do bovino leiteiro nas fazendas da comunidade.

Figura 01: Ordenha mecanizada em uma fazenda na região de Cruzeiro do Sul

Este é o novo método de ordenhar as vacas leiteiras a partir da inserção de máquinas industrializadas nas fazendas da região de Cruzeiro do Sul. Percebe-se a inserção de máquinas na ordenha do leite. É importe dizer que tudo isso é produto da inserção da tecnologia nos meios de produção agrícola, que vêm sendo cada vez mais industrializada no decorrer do processo histórico do Brasil. Em consequência da industrialização, os sujeitos do campo têm sido fortemente atingidos, como relata os autores do dicionário de Educação do Campo:

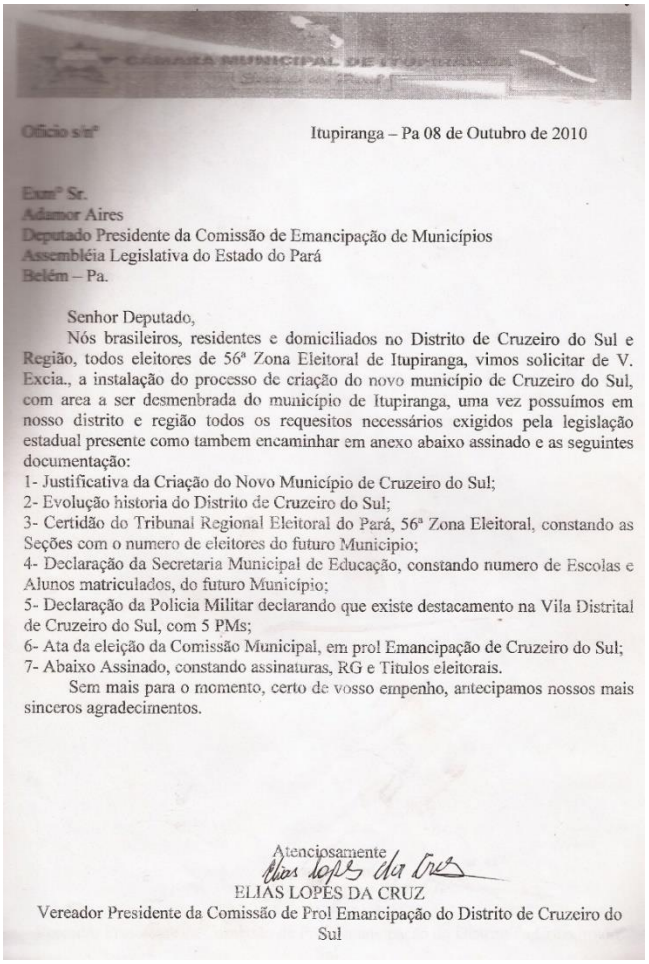
> Um aspecto que não pode ser negligenciado ao se analisar o impacto da modernização é o ideológico. A modernização não é imposta apenas pelo mercado, mas também pelos meios de comunicação, pela ação do extensionismo rural, da propaganda etc.

Conforme podemos ver no excerto acima, essa “modernização” é uma forma de expropriar o camponês trabalhador, uma vez que, ao invés da mão de obra humana, para extrair o leite, usa-se uma máquina, que em menos tempo tem melhor eficácia e necessita apenas um operador. Disso resulta a substituição da mão de obra humana pela mecanização do trabalho. Este é apenas um exemplo do que acontece nesta região, além do uso de herbicidas por vias aéreas, trator para derruba, entre outros serviços mecanizados que já alcançaram o campo.

2.2. Percurso político emancipatório.

Entre 2013 e 2014 houve a tentativa por parte dos representantes desses setores, aprovar a emancipação política da Vila para se tornar um município. Essa especulação política promoveu uma supervalorização das terras; incentivando o setor imobiliário. Mas ficou somente na especulação, já que naquele período estava vetada a criação de novos municípios em todo o Brasil.

Havendo assim uma diminuição das expectativas de crescimento, apesar de haver especulações de grandes empresas na construção de linhões de energia, e haver se concretizado, a população, sofreu a decepção de não ter conseguido a tão sonhada emancipação. Neste documento, expedido pela câmara de vereadores de Itupiranga, mostra o apelo da comunidade para que houvesse a criação desse novo município.



Oficio s/nº Itupiranga – Pa 08 de Outubro de 2010

Exmº Sr.
Adamor Aires
Deputado Presidente da Comissão de Emancipação de Municípios
Assembléia Legislativa do Estado do Pará
Belém – Pa.

Senhor Deputado,

Nós brasileiros, residentes e domiciliados no Distrito de Cruzeiro do Sul e Região, todos eleitores de 56ª Zona Eleitoral de Itupiranga, vimos solicitar de V. Excia., a instalação do processo de criação do novo município de Cruzeiro do Sul, com area a ser desmenbrada do município de Itupiranga, uma vez possuímos em nosso distrito e região todos os requesitos necessários exigidos pela legislação estadual presente como tambem encaminhar em anexo abaixo assinado e as seguintes documentação:

1- Justificativa da Criação do Novo Município de Cruzeiro do Sul;
2- Evolução historia do Distrito de Cruzeiro do Sul;
3- Certidão do Tribunal Regional Eleitoral do Pará, 56ª Zona Eleitoral, constando as Seções com o numero de eleitores do futuro Municipio;
4- Declaração da Secretaria Municipal de Educação, constando numero de Escolas e Alunos matriculados, do futuro Município;
5- Declaração da Policia Militar declarando que existe destacamento na Vila Distrital de Cruzeiro do Sul, com 5 PMs;
6- Ata da eleição da Comissão Municipal, em prol Emancipação de Cruzeiro do Sul;
7- Abaixo Assinado, constando assinaturas, RG e Titulos eleitorais.

Sem mais para o momento, certo de vosso empenho, antecipamos nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente
Elias Lopes da Cruz
ELIAS LOPES DA CRUZ
Vereador Presidente da Comissão de Prol Emancipação do Distrito de Cruzeiro do Sul

O presente documento foi mais uma tentativa falida, apesar de muitos argumentos e documentos, a emancipação não foi liberada pelo poder público, assunto este que sempre é retomado em períodos eleitorais, mas que nunca o foi concretizado.

Devido às especulações de criação deste novo município, os empresários, Irmãos Carneiros criaram um loteamento privado com o nome de Campos Belos, com lotes que ultrapassam o valor de R$ 100.000,00 - no qual a prefeitura municipal assumiu a construção de uma escola - produzindo enriquecimento a custas dos moradores do local, pois disseminou-se a ideia de que se a Vila se tornasse município, alavancaria seu desenvolvimento. Embora a tentativa de emancipação não tenha obtido êxito, esse fato contribuiu ainda mais para a condição de negação da identidade camponesa/rural na população que lá reside.

2.3. Identidade da Vila Cruzeiro do Sul.

A constituição populacional da vila é bastante heterogênea, pois é formada por migrantes vindos de todas as regiões do Brasil, principalmente nordestinos, sobretudo, oriundos do estado do Maranhão. A história local é contada apenas a partir do "progresso[3]" trazido pela exploração da madeira, atividade que acelerou o processo de migração para essa região e manteve a economia local centrada no suprimento dessa dinâmica.

Figura 02: Imagem aérea da Vila de Cruzeiro do Sul.

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Nesta imagem, é perceptível que apesar de ser uma comunidade rural, é uma localidade com bastante casas e comércios, a maior escola do município, tanto em

[3] A palavra PROGRESSO é usada aqui para dizer que existe uma visão de desenvolvimento por parte da população ao dizer que as derrubadas das matas, as aberturas de estradas, entre outras atividades existentes na comunidade, dão-se a partir de uma perspectiva de desenvolvimento. No entanto, pode-se afirmar que a palavra em destaque ressalta aqui a ilusão de progresso, visto que as ações se deram a partir de uma perspectiva exploratória dos recursos naturais, de tal forma que, quando a matéria-prima foi ficando escassa, a madeireira deixou de funcionar.

quantidade de estudantes, tanto quanto em espaço territorial, um campo em que a maioria das pessoas não se identifica como camponês, e sim como urbanos. Esse sentimento é reproduzido na fala de um dos moradores colaboradores na pesquisa, ao falar sobre as relações comerciais antes e depois da chegada do "desenvolvimento" à Vila:

> Aqui os produtos do mercado eram bem mais caros, se o cidadão quisesse uma lata de óleo de soja, por exemplo, ele tinha que trocar por um saco de arroz. Agora, calcule o valor de um saco de arroz comparado a uma lata de óleo. Era assim que funcionava devido à distância, o isolamento, na base da troca. Agora, com o crescimento, com a expansão da pecuária e também na indústria madeireira. Então naquela época era tudo muito difícil. Hoje já estamos desenvolvidos, você vai à cidade de Marabá, tem vans com ar condicionado, já temos energia, internet; as pessoas que têm um poder aquisitivo bem melhor podem ir até de avião, o avião baixa na pista rapidinho, apesar de ser clandestina, mas temos a pista que tem salvo várias vidas, em caso de urgência ou emergência, que não tem condição de ir na ambulância, chama o avião e em meia hora está em Marabá. (Morador de Cruzeiro do Sul, 2013).

É perceptível na fala do sujeito a imposição ideológica que tem sobre o "desenvolvimento": a energia, a internet, campo para pouso de avião, vans com ar condicionado. É importante salientar que este morador, em nenhum momento, recorda que, naquela época, o morador da Vila era produtor, cultivava praticamente toda a sua alimentação. Desconsiderar tais práticas reforça a expropriação dos saberes dos camponeses na construção de sua identidade.

> Esta imposição ideológica da modernização passa pelo convencimento do agricultor no que diz respeito à superioridade das formas modernas de produzir em relação às tradicionais, e seu impacto é expressivo, porque, além de reforçar a expropriação econômica, representa uma forma de expropriação do saber, pois torna os camponeses dependentes, uma vez que não mais dominam as técnicas e os processos produtivos. (ALENTEJANO, 2012, p. 482).

Hoje em dia, toda a sua alimentação é industrializada, até mesmo as frutas mais comuns como banana, por exemplo, são trazidas da cidade para ser vendida aqui, uma vez que a maioria das propriedades da localidade são exclusivamente para criação de bovinos e nada cultivam; são terras que servem apenas à pastagem. O relato abaixo extraído das pesquisas socioeconômicas retrata o cenário socioeconômico da Vila explicando que:

> No decorrer do processo de desenvolvimento, foi se concentrando nos arredores da comunidade, em consequência da dinâmica do agronegócio, uma significativa porcentagem de fazendeiros, os quais começaram a transformar a economia local, até então fixada, em parte, na exploração da madeira e em pequenas produções agrícolas dos camponeses. Com a grande concentração de terras nas mãos de poucos, foi surgindo na comunidade uma elite de fazendeiros e comerciantes, sendo que grande parte dos comerciantes também eram fazendeiros, e, em seguida, passaram a ser os representantes políticos da região (acervo da pesquisa, 2013).

Na Vila Cruzeiro do Sul, está havendo grande conflito pelo território, que está sofrendo transformações. O pequeno produtor está perdendo espaço para os grandes latifundiários poderosos do agronegócio e, consequentemente, os conhecimentos sobre preparação e manejo do solo para o plantio e colheita de cereais estão sendo deixados de lado, enquanto que as pastagens em grande escala, o uso de agrotóxicos e insumos químicos para a preparação do solo e a inserção de máquinas para o manejo e ordenha do gado estão ocupando os espaços nessa região rural dominada pelo agronegócio.

2.4. Da exploração da madeira à exportação de bovinos.

A atividade econômica formal ocorre em torno da extração de madeireira e da comercialização do gado de corte, a partir das quais se estabelecem o serviço público, o comércio, a atividade de vaqueiro e outros ofícios relacionados à compra e venda e ao transporte bovino e seu derivado, o leite. Há também o setor informal composto por diferentes atividades, tais como: vendas de comidas, de bebidas em bares, prostíbulos, venda de mão de obra por meio de diárias na peonagem em fazendas, entre outras.

A Vila Cruzeiro do Sul foi estabelecida geograficamente em um local estratégico, de acesso há várias localidades rurais, com apenas um estabelecimento comercial que abastecia os colonos da localidade, com mantimentos e ferramentas que, posteriormente, viraria o armazém do João do Fumo, como esclarece o exceto abaixo:

> Quando eu comecei andar pra cá em 1991, existia uma casa, quando eu cheguei pra cá (para morar) foi na época dos irmãos carneiros (serraria). Que foi uma das coisas que fez a gente acreditar no lugar, só tinha essa avenida principal aqui. Inclusive, na época, começou o cruzamento aqui (aponta pra fora) e eu fiz aqui, comprei isso aqui, comprei esse terreno aqui e comprei essa quadra do outro lado. Ficava mais perto do único comércio que era o João do Fumo, porque o movimento começou de lá pra cá. Lá embaixo. Aqui tinha um bocado de terreno vago. Hoje está cheio, a Vila cresceu, mas

> naquele tempo não tinha nada, hoje nós estamos em uma Vila estruturada que nem toda vila é. (morador, 2013)

Assim como relata o morador da localidade, embora já existissem moradores nos lotes da região antes de 1990, o principal motivo para a criação dessa vila foi a grande exploração madeireira. Uma das primeiras madeireiras a explorar essa localidade foi a serraria denominada Madeireira Irmãos Carneiros, a qual funcionava em três turnos de trabalho. Os trabalhadores vinham principalmente do estado do Maranhão, conforme esclarece o relato seguinte, de um antigo morador da Vila:

> Essa serraria empregava mais de trezentas pessoas, entre homens e mulheres. Foi construída uma vila de casas de madeira para as famílias dos funcionários e alojamentos individuais para os trabalhadores solteiros. Em sua grande maioria, os funcionários vinham da cidade de Itinga do Estado do Maranhão. As casas possuíam energia movida a motor. Os funcionários que não eram casados, eram abrigados também em galpões. Dessa forma, a localidade passou de poucas casas para a condição de vila em menos um ano. (morador, 2013).

Além do grupo Irmãos Carneiros, como eram conhecidos na década de 1990, chegou para essa região o grupo COMCREM (denominação dada pela junção de várias empresas madeireiras), uma empresa que também fazia uso da exploração da madeira com a fabricação de compensado. A renda gerada principalmente pela exploração e exportação da madeira na vila deu suporte para a chegada de vários comerciantes de pequeno poder aquisitivo no entorno desses empreendimentos, vários comerciantes criam estabelecimentos para atender as necessidades dos trabalhadores da serraria.

Estes estabelecimentos eram diversificados quanto à finalidade: prostíbulos, lojas, açougues, armazéns de secos e molhados, etc. Várias pessoas mudava-se para a Vila, atraídas pelo movimento do comércio, em busca de prosperidade financeira, como podemos constatar no depoimento abaixo:

> Foi um tempo muito difícil, a vila crescia rapidamente devido à grande expansão da exploração da madeira, e à organização da pecuária nessa região, que hoje bate recorde nacional; a pecuária aqui neste distrito, bate recorde até mesmo em Marabá, que é uma cidade grande, Cruzeiro do Sul tem esse potencial na pecuária, então devido à esta expansão a Vila crescia rapidamente, as pessoas chegavam rápido. (Morador, 2013).

Este morador presenciou todo o processo de expansão da vila e nos relata as dificuldades enfrentadas. Entre os anos de 2004 e 2006, devido à proibição da atividade madeireira ilegal nos arredores da comunidade (Há especulações que apontam para a

irregularidade da madeireira em exportar matéria prima ilegal, tais como a árvore da castanha-do-pará, dentre outras).

A madeireira deixou de funcionar e, consequentemente, centenas de migrantes ficaram desempregados. Após o fechamento da madeireira, entre 2006 e 2007, a vila já apresentava uma população significativa. Uma parte dos que ficaram desempregados voltaram aos seus estados de origem; outros, permaneceram na vila e passaram a realizar trabalhos assalariados, seja como empregados em fazendas, seja como empregados no comércio local.

É nesse contexto de negação às subjetividades que atua a Escola José Inocente júnior, única instituição de ensino fundamental localizada nessa comunidade. Desde sua origem, assim como a comunidade vem sofrendo mudanças, a escola também vem sendo transformada. Em meio a essa dinâmica de apropriação do outro, a escola contribui significativamente no processo de formação social dos sujeitos dessa localidade. Nesse sentido tentamos mostrar a escola na comunidade, seu perfil e papel como produtora de recursos para atender o sistema regente do país.

2.5. Caracterização da escola José Inocente Júnior

A Escola José Inocente Júnior é uma instituição de ensino municipal. Foi fundada oficialmente em 09 de agosto de 2003, data da inauguração de um novo prédio. No entanto, ela funciona desde 1991, em um barracão feito com palha de coco babaçu em local improvisado pelos moradores daquele período.

Trata-se de uma instituição de ensino formal, que oferta do ensino infantil até o ensino fundamental de 1º ao 9º ano. Funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Abaixo, na Figura 03, é possível visualizar que a escola possui uma boa estrutura física.

Figura 03: Escola José Inocente Junior

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A figura acima mostra o atual prédio da escola, com amplas áreas de lazer e espaços destinados à movimentação constante dos estudantes. Ao fundo, uma quadra poliesportiva utilizada para o desenvolvimento das atividades recreativas da escola e pelas equipes esportivas da comunidade.

Entre os anos de 1997 a 2003, as aulas eram ministradas em pequenas casas cedidas pela igreja católica ou alugadas pela prefeitura. Com o aumento da demanda de estudantes, devido à vinda de muitas pessoas em busca de trabalho na serraria, houve a necessidade se obter novos espaços para serem usados como salas de aula para atender à demanda crescente.

Figura 04: Barracões que foram utilizados como sala de aula em 2002.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2002.

As pequenas casas cedidas/e ou alugadas por alguns moradores já não eram mais suficientes para atender à demanda de estudantes. Diante dessa carência de espaço físico

para funcionar como escola, um dos moradores da comunidade e também vereador, conhecido como Dominguinhos, construiu dois barracões, que foram alugados à prefeitura e usados como salas de aulas, como mostra a figura acima. Os barracões eram construídos de madeira e cobertos com telha ondina de fibrocimento.

Em agosto de 2003, foi inaugurado o novo prédio da Escola José Inocente Júnior. A partir de então, a escola ganhou novas salas de aulas e outros espaços físicos para outras atividades a serem exercidas. Com isso, ela consegue suprir, em termos de estrutura física, a crescente demanda de estudantes. O quadro abaixo, ilustra a quantidade dos espaços físico da nova escola.

Quadro 01: demonstrativo dos espaços físicos da escola

ESPAÇOS FÍSICOS	QUANTIDADE
Banheiros masculino	06
Banheiros femininos	08
Banheiros para funcionários	03
Sala de aula	17
Sala de professores	01
Cozinha	01
Almoxarifado	01
Secretaria	01
Refeitório	01
Biblioteca	01
Sala de informática	01
Sala da coordenação	01
Quadra esportiva	01

Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2011.

Este quadro mostra que o espaço físico da escola, diferente de outras escolas do campo, é um aspecto que poderia contribuir ao processo de ensino aprendizagem pois, além desses espaços, a escola está munida de diversas ferramentas auxiliares (*data show*, computadores com acesso à internet, microscópio, TV, DVD, entre outros) e, ainda, os recursos didáticos (destaca-se aqui, além do livro didático, material literário disponível na biblioteca escolar, matérias concretos do corpo humano, entre outros), são ferramentas que podem auxiliar os professores e estudantes no desenvolvimento de suas habilidades.

As práticas pedagógicas são realizadas na escola a partir de um planejamento rotineiro quinzenal, elaborado pelos coordenadores pedagógicos e professores. Estes seguem um padrão para a execução das atividades planejadas.

Antes de irem para sala de aula, os professores dispõem de um planejamento definido a partir do calendário escolar advindo da Secretaria Municipal de Educação. É importante dizer que este calendário atende a demandas de escolas urbanas e se adapta

as especificidades da vida e o trabalho do campo. Ainda que o corpo docente tenha autonomia para alterar o calendário escolar, adaptando-o à realidade dos estudantes e da comunidade local, essa modificação não ocorre pelos que atuam na educação desta comunidade.

As pesquisas de campo, mostraram, através das falas dos entrevistados - pais de estudantes e dos próprios estudantes, professores, coordenadores pedagógicos, gestores e representantes políticos – que a educação formal é vista pelos moradores como a única e principal fonte para a formação do ser humano.

> A formação escolar é um item indispensável para qualquer pessoa, uma pessoa que não tem conhecimento, que não tem uma formação escolar bem estruturada, ela fica assim à margem da tecnologia, à margem dos fatos, ela vive porque vê os outros viverem, não tem uma visão sólida [...] eu vejo que essa formação escolar prepara o indivíduo para o mundo, e se você não tiver uma boa formação, você se torna uma pessoa deficiente de conhecimento, que não tem uma opinião própria (Morador, 2013).

É fato que a educação formal é considerada muito importante e pode auxiliar na obtenção de um emprego formal. E esse é o principal desejo dos que acessam à escola. Então, educação formal proposta pela escola José Inocente Júnior visa apenas aos objetivos de formar trabalhadores para o mercado de trabalho; limitando-os das inúmeras possibilidades de formação humana.

Segundo dados sobre a matrícula inicial de 2016, foram contabilizados 1.584 estudantes matriculados, da educação infantil ao 9ª ano. Esse total dá uma média de 36 estudantes por turma. O quadro abaixo mostra como estão distribuídos os estudantes de acordo com nível de ensino:

Quadro 02: Distribuição por turmas dos estudantes matriculados em 2016

Oferta	Quant. de turmas	Quant. de estudantes	Média de estudantes por turma
Educação infantil	5	178	35
Ensino fundamental (1º ao 5º anos)	19	706	37
Ensino fundamental (6º ao 9º anos)	17	629	37
EJA 1ª e 2ª etapa	2	71	35
TOTAL	43	1584	36
* As turmas da EJA funcionam somente no período noturno.			

Fonte: Secretaria da Escola, pesquisa de campo, 2016.

As turmas são compostas por estudantes filhos de pequenos pecuaristas que vivem da produção do leite. Alguns são filhos de vaqueiros ou funcionários que exercem diversas atividades para os fazendeiros locais. Muitos dos estudantes jovens e

adultos trabalham como assalariados para contribuir na renda familiar. Nesse sentido, apresentamos a seguir um perfil dos estudantes dessa instituição formal de ensino.

2.6. Perfil dos estudantes das turmas do 7º e 9º.

Por estar localizada na zona rural do município de Itupiranga, uma grande porcentagem dos alunos que frequentam as turmas pesquisadas, são filhos de agricultores, residentes em sítios, chácaras e fazendas. De modo geral, são filhos de trabalhadores assalariados e/ou autônomos que atuam nas fazendas e também pecuaristas, alguns residem em até 50 km de distância da escola. Partes dos alunos utilizam o transporte escolar, enquanto outros se deslocam até a escola utilizando suas motocicletas, além das crianças, adolescentes e jovens que moram na vila e se deslocam a pé ou de bicicleta para a escola.

Os estudantes das turmas pesquisadas são em sua grande maioria, migrantes, oriundos do estado do maranhão, contabilizando sessenta por cento deles. Seguido por oriundos do estado do Tocantins, que são vinte por cento, e os demais são de origem diversa, paraenses, goianos, baianos e cearenses.

2.7. Conclusão

Neste capítulo percebemos que a historicidade da Vila Cruzeiro do Sul é formada principalmente por migrantes vindos de diversas regiões do País, que possuem características culturais diversificadas e consequentemente diferentes modos de uso da linguagem. Assim, a escola José Inocente Júnior, atende a um público com uma riqueza de variação linguística, as professoras que trabalham com a disciplina de Língua Portuguesa se encontram em meio a uma pluralidade de modo de uso da fala e da escrita.

3. REFLEXÕES A RESPEITO DA NATUREZA HETERÓCLITA DA LÍNGUA E DE SEU ENSINO

Este capítulo apresenta algumas reflexões teóricas que dão aporte à análise proposta neste estudo. Na seção 3.1 discorremos brevemente sobre a sociolinguística e o fenômeno da variação linguística e suas implicações ao ensino de língua. Na seção 3.2 refletimos sobre como o ensino de língua portuguesa é tratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Na seção 3.3 discutimos a respeito dos gêneros textuais e o ensino de língua portuguesa. Na seção 3.4, apresentamos a conclusão do capítulo.

3.1. A Sociolinguística

A linguística tem realizado investigações a respeito da linguagem sob vários aspectos, tais como estrutura, aquisição, uso e mudança. Embora a sociolinguística transite por todos esses campos de investigação, ela se detém, com maior ênfase, à questão do uso da língua. Esta disciplina quer saber como a língua está socialmente relacionada, e, para isso, analisa o contexto social, as intenções entres falantes, as questões relativas às suas características e identidades sociais, bem como ao contexto social de fala. Este contexto incorpora questões como a) quem está autorizado a falar, b) o que pode ser considerado como língua adequada em diferentes situações de interação verbal e c) como falantes de diferentes origens podem ter diferentes conhecimentos e normas sociais, culturais e linguísticas, enquanto fazem uso da "mesma língua". O principal objeto de pesquisa da sociolinguística não é a descrição da estrutura de uma língua, como o fazem os linguistas descritivos; não é, ainda, o entendimento dos processos que levam à aquisição da linguagem por indivíduos -domínio da psicolinguística-; muito menos é o estudo da capacidade mental abstrata subjacente a todas as línguas -campo de atuação da linguística cognitiva e gerativa-; o principal objetivo desta disciplina é investigar as correlações entre o uso da língua e a estrutura social (cf. COULMAS, 2007). A sociolinguística, é geralmente caracterizada por sua atenção especial ao discurso real de pessoas que representam uma comunidade de fala. Ela adota uma abordagem não prescritiva em sua investigação, evitando julgamentos subjetivos sobre fenômenos linguísticos tais como o de dizer que uma expressão linguística A é "melhor, bonita, certa”, em relação à expressão B, considerada como “pior, feia, errada”. A sociolinguística, portanto, mostra a existência de normas variáveis dentro da mesma comunidade, com diferentes instâncias desta variação,

característica de diferentes subgrupos de falantes ou contextos diferentes de uso da língua (cf. MESTHRIE, 2008, p. 66).

Para Mesthrie (2008), a sociolinguística apesentar algumas características que resumem ou a definem enquanto disciplina. Para este pesquisador, uma pesquisa sociolinguística é caracterizada por a) não ser prescritiva nem purista, b) apreciar o fenômeno da variação, c) considerar as normas linguísticas, d) favorecer ao multiculturalismo e ao multilinguismo, e) ter consciência da natureza interativa da fala, f) estar atenta às atitudes e normas de diferentes subgrupos dentro de uma sociedade, g) ser receptiva à mudança linguística e h) ser responsiva a questões contextuais mais amplas relacionadas ao poder, à cultura e à identidade.

Como se viu acima, para a sociolinguística, a língua é vista como um fenômeno heteróclito que varia no espaço e muda com o tempo. Assim, podemos afirmar que a língua é um conjunto de normas, que deve ser usado em contextos apropriados. Infelizmente, há estudos prescritivos, que consideram a língua como um fenômeno estático no espaço e imutável no tempo. Tais abordagens privilegiam, dentre as várias normas linguísticas existentes em nossa comunidade, apenas uma norma, a chamada norma padrão, eleita pelo Estado brasileiro como a norma oficial e ensinada obrigatoriamente nas escolas do nosso país. Esta visão de língua enquanto fenômeno homogêneo, desconsidera uma característica intrínseca às línguas naturais, a variação, e desencadeia no meio social o tão conhecido preconceito linguístico.

3.1.1. A variação linguística

Embora a sociolinguística tenha surgido como disciplina apenas no final da década de 1960, em que pesquisadores se dedicaram a investigar as transformações por que passavam as línguas (cf. BAGNO, 2012, p. 119), na década de 1920 Sapir (1980, p. 119) já afirmava que “todos os indivíduos sabem que a língua é variável”. A variabilidade linguística faz parte de nossa experiência enquanto falantes e ouvintes de uma língua natural (cf. MILROY & MILROY, 2007, p. 33). Sapir (1980) não deixa dúvidas sobre a inerência da variação à língua ao relatar que:

> Dois indivíduos da mesma geração e localidade, que falam precisamente o mesmo dialeto e frequentam os mesmos círculos sociais, nunca estão propriamente a par nos seus hábitos linguísticos. Investigação minuciosa da fala de cada um revelaria inúmeras diferenças de detalhe – na escolha dos vocábulos, na estrutura das sentenças, na relativa frequência com que são

> usadas certas formas ou combinações de palavras, na pronúncia de certas vogais e consoantes ou combinações de certas vogais ou consoantes, em todos esses aspectos como a rapidez da elocução, a intensidade, a entoação que dão vida à língua falada. Pode-se dizer, até certo ponto, que eles falam dialetos levemente divergentes da mesma língua mais do que a rigor a mesma e idêntica língua. (SAPIR, 1980, p. 119).

Dada a natureza heteróclita da língua, o estudo da variação linguística se atém à forma dos enunciados produzidos pelos falantes e não ao seu conteúdo.

Quando duas pessoas interagem verbalmente, além de comunicarem ideias entre si, inevitável e involuntariamente, comunicam, também, uma série de informações extralinguísticas, como suas experiências pessoais e sociais. Através de suas falas, podem ser reveladas sua classe social, seu *status*, sua região de origem, seu gênero, sua faixa etária, dentre outras características. (MESTHRIE, 2008, p. 68).

Sendo assim, pode-se dizer com Rodrigues (2002, p. 11) que as línguas apresentam variações de dois modos, um em função do falante e outro em função do ouvinte. As variações em função do falante são aquelas conhecidas como variantes dialetais, dentre as quais estão incluídas as variantes geográficas - que determinam de que região pertence o falante -, variantes diastráticas - que revelam a que classe social pertence o falante -, variantes etárias - que revelam a que grupo de idade pertence o falante, variantes de sexo - que revelam se o falante é homem ou mulher- e, as variantes diacrônicas - que mostram a que geração pertence o falante. As variações em função do falante são as chamadas variantes de registro, dentre as quais estão as variantes de grau de formalismo - linguagem informal X linguagem formal -, variantes de modalidade - falada e escrita-, variantes de sintonia - ajustamento do emissor ao receptor.

Esses dois tipos de variações por que passam as línguas são evidências claras de que uma língua é, de fato, um conjunto de normas revelador de uma sociedade plural e heterogênea cujas experiências socioculturais de seus membros, expressas pelas diversas normas, constituem a identidade de cada comunidade de fala. Por isso, cada norma linguística deveria ser respeitada enquanto meio de expressão de uma dada comunidade ou de um dado grupo social e, ainda, deveria ser ensinada na escola. Entretanto, forças de controle e coerção social, que regulam o comportamento linguístico das pessoas, em nome de uma tradição gramatical, materializada nas gramáticas normativas e livros didáticos que pregam a ideologia da língua homogênea e sem adequação à situação em que é usada, trazem à tona julgamentos em relação às formas como as pessoas falam, categorizando-as dicotomicamente como “o que fala

certo *versus* o que fala errado". Esses julgamentos pejorativos em torno dos falares que fogem às prescrições da norma padrão, acabam gerando o preconceito linguístico e o sentimento de inferioridade naqueles que, por inúmeras razões, não tiveram oportunidade de aprender satisfatoriamente a norma padrão, ou por, simplesmente, acomodarem seus discursos ao contexto social. Assim, faz-se necessário a compreensão de que:

> Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e, como tais, são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, p. 104).

Enfim, deve ficar bem esclarecido que a norma padrão não pode ser tida como a única opção na interação verbal, nem deve ser evitada nas interações. O que deve ser feito é o uso das normas padrão e não padrão de modo adequado às situações comunicativas. Em outras palavras, as normas devem ser tidas como opções disponíveis ao falante que deve usá-las oportunamente (cf. ANTUNES, 2007, p.104). Agindo desse modo, o falante tende a ampliar seu repertório verbal, com muito mais opções de expressão e interação linguística.

3.1.2. Variação e ensino de língua

É evidente que o papel da educação formal é o de ensinar a norma padrão. Mas esse ensino não pode estar pautado na lógica da "língua ideal", estática, imutável, descontextualizada e uniforme, que só existe nos compêndios gramaticais tradicionais normativos. Acreditamos que, além de ensinar a norma padrão, a escola tem o dever de cultivar o apreço pela diversidade linguística com vistas não só à ampliação da competência comunicativa dos alunos, mas também ao seu pleno exercício de cidadania. E isso só será possível, segundo Antunes (2007, p. 107-108), se a escola considerar no currículo de ensino de língua, dentre outras coisas, o estudo:

- das modalidades de uso da língua - desenvolvendo atividades que envolvam textos orais e escritos;
- das normas linguísticas –explorando textos expressos na norma-padrão nacional, textos de normas regionais e textos em outras normas;

- de registro –apresentando aos alunos textos de diferentes níveis de formalidade e informalidade, com suas especificidades lexicais e gramaticais;
- de interlocutores - estimulando o diálogo com crianças, jovens, adultos, familiares, estranhos, autoridades, colegas, pessoas determinadas, público em geral;
- de suporte – possibilitando o contato do aluno com textos literários e textos não –literários;
- de universos de referência – com a apresentação de textos que remetem para mundos diferentes, como o cotidiano das cidades e do campo, dos homens e das mulheres, do trabalho, do lazer, das descobertas científicas, das relações humanas etc.;
- de tipos (narrativos, descritivos, expositivos, injuntivos) e de gênero - possibilitando o acesso a relatos, notícias, reportagens, relatórios, resumos, resenhas, crônicas, entrevistas, anúncios, avisos, editoriais, artigos de opinião, entre tantos outros;
- de complexidade desses textos – explorando textos curtos e mais longos; fáceis e mais difíceis (no tema e na composição); gerais e mais específicos; claros e mais herméticos etc.;

A escola, por fim, deve priorizar a diversidade "para ser fiel à língua real, à língua variada que, de fato, acontece todo dia" (ANTUNES, 2007, p. 108).

3.2. Ensino de língua segundo os PCN's

Nesta subseção, apresentamos algumas ideias norteadoras do ensino de língua portuguesa no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental das escolas brasileiras.

Segundo os parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, a linguagem é uma atividade discursiva e cognitiva e, a língua, uma prática social, que deve ser ensinada na escola com o objetivo de promover a democratização social e cultural. Em outras palavras, a escola deve garantir aos seus alunos o pleno exercício de cidadania, pois

> O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística,

> são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 19).

Podemos notar que nos PCN's a língua não é mais tratada como mera "representação do pensamento", ou como mera "estrutura", mas sim como o "lugar de interação", como "um conjunto de práticas sociais" (cf. KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2005). Segundo os PCN's, conceber a língua como o lugar de interação e como um conjunto de práticas sociais, significa

> "... realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. (...) ... quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. (...)". (BRASIL, 1998, p. 20-21).

A concepção de língua como lugar de interação e de práticas sociais mostra que os PCN's compreendem a língua como um conjunto de normas ou de variedades que se circunscrevem tanto em relação ao falante quanto ao ouvinte, cabendo à escola criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, isto é, que ele possa ser poliglota da própria língua, que ele possa transitar pelas diversas situações de interação verbal no seu dia a dia. A esse respeito, os PCN's salientam que

> Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência linguística e estilística. Isso, por um lado, coloca em evidência as virtualidades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos flexíveis que permitem referir o mundo de diferentes formas e perspectivas; por outro lado, adverte contra uma concepção de língua como sistema homogêneo, dominado ativa e passivamente por toda a comunidade que o utiliza. (...)". (BRASIL, 1998, p. 23)

Nos PCN's, encontramos a afirmação de que a variação é inerente às línguas humanas e que ela pode ocorrer nos níveis fonético, morfológico, sintático e semântico. Este fenômeno linguístico independe de qualquer ação normativa e que, quando falamos em "Língua portuguesa", na verdade, estamos falando de uma unidade constituída por

muitas variedades (cf. BRASIL, 1998, p. 29). No Brasil, não há variedades fixas, uma vez que, "num mesmo espaço social vivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais" (BRASIL, 1998, p. 29).

Com respeito ao uso de uma ou outra variedade linguística, os PCN's orientam, em conformidade com as premissas da sociolinguística, que "o uso de uma ou outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala. (BRASIL, 1998, p. 29). E mostram que não há mais vez nem voz à ideologia da língua una, homogênea, artificial e descontextualizada dos usos sociais, uma vez que

> A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre "o que se deve e o que não se deve falar e escrever", não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

Apresentam, ainda, duas razões corroborantes do caráter heteróclito da língua. A primeira, é o fato de que fala e escrita são modalidades distintas, têm características peculiares. Ninguém, portanto, escreve da mesma maneira que fala. A segunda, diz respeito à tendência de se tomar as regras da gramática tradicional, que regulam o sistema de escrita padrão, como parâmetro regulador e corretivo de todas as outras manifestações linguísticas (cf. BRASIL, 1998, p.30). Fazer julgamentos sobre a maneira como as pessoas se expressam, é confundir

> "...falar apropriadamente à situação de interação com falar segundo as regras de 'bem dizer e escrever', o que por sua vez, faz com que se aceite a ideia despropositada de que 'ninguém fala corretamente no Brasil' e que se insista em ensinar padrões gramaticais anacrônicos e artificiais". (BRASIL, 1998, p.30)

Embora nos PCN's haja uma clara compreensão da diversidade linguística e inúmeras orientações no sentido de se valorizar e respeitar as variedades não-padrão e seus falantes, aquele documento aponta a escola como lugar privilegiado do ensino-aprendizagem da língua-padrão, uma vez que

> "... não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações

> interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita". (BRASIL, 1998, p.30)

Por fim os PCN's advertem que, para poder cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa se livrar de vários mitos -concepções equivocadas com relação à língua -, que passamos a descrever a seguir: a) o de que existe uma forma "correta" de falar, b) o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, c) o de que a fala "correta" é a que se aproxima da língua escrita, d) o de que o brasileiro fala mal o português, e) o de que o português é uma língua difícil e f) o de que é preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (cf. BRASIL, 1998, p. 31).

3.3. Os gêneros textuais e o ensino de língua

Falar em gêneros textuais é, antes de mais nada, referir-se a textos falados e escritos. Assim, ao iniciarmos uma discussão sobre gêneros textuais, é importante termos em mente que a língua falada e a língua escrita não podem ser mais tratadas dicotomicamente como opostas. Devemos, também, descartar a concepção equivocada de que a escrita seja uma representação da fala, ou dela oriunda, como postulado por grandes expoentes da linguística moderna (cf.; BLOOMFIELD, 1933; CÂMARA JR, 1969; FILLMORE, 1981; SAPIR, 1921, apud FÁVERO, 2009). Outra concepção equivocada, muito veiculada por gramáticos, é a que trata as relações entre fala e escrita tomando a escrita como modelo ideal de língua e o parâmetro a ser seguido. Disso, decorrem concepções preconceituosas a respeito da fala, como por exemplo, que a fala é o lugar da informalidade, coloquialidade, imprecisão e, até mesmo, do erro, enquanto a escrita é o lugar privilegiado da língua culta, formal, precisa e correta (cf. FÁVERO, 2009, p. 10). É necessário reconhecermos que fala e escrita têm características próprias, mas nem por isso devem ser tratadas de modo polarizado; há, na verdade um contínuo entre fala/escrita enquanto formas de interação verbal.

Sabemos que em uma atividade verbal, seja ela oral ou escrita, seja em espaços formais ou informais, o texto é a unidade básica. Não nos comunicamos, simplesmente, por meio do uso de fonemas e morfemas e pelo arranjo de frases isolado, descontextualizado, embora essas subunidades sejam usadas na construção formal do discurso no processo de representação de nossas ações interacionais. Para o

desenvolvimento das competências oral, escrita e leitora dos alunos, os PCN's sugerem o trabalho com gêneros textuais que têm maior circulação social, os quais devem ser fundamentais na efetiva participação social dos alunos. Dentre os diversos gêneros, estão os literários, publicitários, de imprensa e de divulgação científica, que são, conforme o documento oficial, os de maior frequência no âmbito escolar (cf. BRASIL, 1998, p. 53.). Os PCN's salientam que as sugestões apresentadas não devem ser tomadas como exaustivas, e que, cabe à escola optar por outros gêneros, em função de seu projeto e das necessidades específicas de seus alunos. Neste estudo, apresentamos algumas orientações a respeito do ensino da língua oral e da língua escrita contidas nos PCN's.

De acordo com os PCN's (BRASIL, 1998, p. 67), ensinar a língua oral na escola não significa desenvolver a capacidade dos alunos de falar em geral, e sim de lhes possibilitar o contato com e a prática de linguagem mais formalizada e convencional. Em outras palavras, ensinar a língua oral é

> "(...) desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de língua portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista)". (BRASIL, 1998, p. 67-68)

Com relação aos gêneros escritos, os PCN's apontam a leitura na escola como prática imprescindível. Não se trata de ler para extrair informação, decodificar letra por letra, palavra por palavra. Ler, enquanto atividade social, é uma atividade que

> "(...)implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai ser lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas". (BRASIL, 1998, p. 69-70)

É importante frisar o papel do professor na consecução dos gêneros textuais, cabendo-lhe o papel de introduzir ao aluno a diversidade das práticas de recepção dos textos, uma vez que não lemos uma notícia do mesmo modo que fazemos uma consulta a um dicionário, assim como não lemos um romance da mesma forma que estudamos (cf. BRASIL, 1998, p. 70).

É objetivo e dever da escola formar leitores competentes. Para que isso seja possível, é necessário que a escola esteja equipada de recursos materiais e que nela haja

condições favoráveis ao uso desses materiais para que, assim, a escola cumpra seu papel na formação de alunos ouvintes, falantes, leitores e escritores independentes, contribuindo para seu pleno exercício de cidadania.

3.4.Conclusão

Neste capítulo apresentamos alguns apontamentos que nos direcionam para a proposta desta pesquisa, bem como os teóricos e suas respectivas orientações, que nos permitiram refletir sobre os impactos causados pela sociolinguística no ensino da língua materna bem como as peculiaridades da variação da língua. Foi possível também, uma visão mais ampla, ainda que sucinta no que se refere aos Parâmetros Curriculares Nacionais e tratamento dado por estes ao ensino de língua portuguesa nas escolas do Brasil. Percebemos que os PCN's compreendem a diversidade linguística e apontam a escola como sendo a principal instituição que deve instruir os sujeitos a desenvolverem habilidades e competências nas modalidades oral e escrita da língua. Assim, fomos conduzidos a argumentar a respeito dos gêneros textuais e o ensino de língua portuguesa, que nos permitiu compreender os pontos de convergências entre a fala e a escrita ainda que ambas possuem especificidades distintas entre si, mas que não podem ser compreendidas separadamente gerando diversos preconceitos por parte dos sujeitos falantes. Este capitulo nos mostrou que é função da escola equipar-se de recursos favoráveis à formação de cidadãos leitores proficientes que respeitem a voz do outro e que consigam se identificar como parte de uma sociedade culturalmente rica cujas variações linguísticas transcendam o simples ato de se comunicar.

4. O PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo mostra os caminhos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, desde sua dimensão bibliográfica como também a coleta de dados e entrevistas com as professoras e observações nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, foi possível investigar como a variação linguística está sendo tratada em sala de aula.

Para o desdobramento desta pesquisa observamos duas professoras de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Fundamental II (séries finais) da Escola Municipal de Ensino fundamental "José Inocente Júnior", localizada na Vila Cruzeiro do Sul, na zona rural do município de Itupiranga no sudeste do estado do Pará.

Inicialmente, contamos com o apoio do Diretor e coordenadores da referida escola, os quais sempre incentivam e promovem eventos educacionais e projetos interdisciplinares realizados pelos professores. O diretor é efetivo, pedagogo e licenciado em Educação do Campo – ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza pela UNIFESSPA, participa de todas as formações continuadas de professores e eventos da área. O coordenador é efetivo no cargo, pedagogo e licenciado em Educação do Campo – ênfase em Matemática e Sistema de Informação pela UNIFESSPA, é formador de professores e desenvolve projetos juntamente com os demais de sua equipe. Participa mensalmente das formações continuadas para formadores na sede do município.

4.1. Sobre a escola pesquisada.

A escola Municipal de Ensino fundamental "José Inocente Júnior" está situada na Rua Araguaia s/n, e funciona em prédio próprio. Possui uma área de 30000 m², tendo ao todo 16 salas de aulas, 5 banheiros, 1 cozinha, 1 sala de professores, 14 computadores, 1 secretária titular e 4 auxiliares, 1 almoxarifado, 1 pátio coberto com refeitório, 1 quadra esportiva, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática,1 sala para coordenação e orientação pedagógica.

A escola atende um público misto e funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. Seu público é composto por crianças, pré-adolescentes, jovens, adultos e idosos,

que somam 1.457 alunos, distribuídos em turmas de educação infantil ao 9º ano. Muitos desses alunos são filhos de trabalhadores rurais que moram em sítios, chácaras e fazendas, algumas das quais com até 50 km distantes da escola. Muitos dos jovens e adultos que moram na vila são trabalhadores que precisam complementar a renda da família, pois o desemprego é um grande problema do nosso município, resultando em um alto índice de evasão, pois, é constante a busca de outros meios de sobrevivência, que prevalecem sobre os estudos.

Por ser a única instituição de ensino formal localizada nessa microrregião, atende alunos de todas as classes sociais, etnias, crenças, culturas e grupos políticos. As atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito da escola ocorrem a partir de um planejamento rotineiro quinzenal elaborado pela equipe de coordenadores pedagógicos e professores, as quais seguem um padrão cronológico de execução das atividades.

Ao irem para a sala de aula, os professores levam consigo um planejamento elaborado. Apesar de os diretores e coordenadores terem livre acesso para modificar o calendário escolar, adaptando-o à realidade dos alunos e da comunidade em geral, essa modificação não acontece e, assim, os alunos do campo entram em conflito com as atividades pedagógicas pré-elaboradas pela escola.

A escola promove projetos educacionais no decorrer do ano letivo, os quais contribuem para o aprendizado dos estudantes e para a valorização da cultura local e dos sujeitos da comunidade. Os principais eventos são: Dias das mães, Festas juninas, Dia das crianças, Gincana estudantil e Natal solidário ou natal sem fome. A comunidade participa ativamente dos projetos contribuindo para o bom desenvolvimento da escola.

4.2. Sobre as escolhas da pesquisa

Optamos por escolher essa escola como *locus* da pesquisa por ser a única escola do campo que atende os sujeitos dessa comunidade. Por esse motivo, ao longo de nosso processo formativo no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, foi possível o desenvolvimento de estágios supervisionados, observações de aulas de Língua Portuguesa e projetos de intervenção pedagógica em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Com isso, foi possível percebermos o estranhamento de educadores com

respeito à maneira com que os alunos usam/usavam a língua portuguesa, o que, não raro, foi motivo de repressão, correção e constrangimentos dos alunos pelos professores, que primam/primavam pelo uso do “bom vernáculo”.

Essa situação se repetiu por diversas vezes, haja vista que muitos professores entendem que a língua que precisa ser ensinada é variedade padrão da língua portuguesa, e que, por esse motivo, as outras variedades precisam ser ignoradas e reprimidas para que todos os alunos aprendam a “falar corretamente”. Essa é, portanto, a causa que nos levou a desenvolver essa pesquisa - investigar o tratamento dado às variedades linguísticas no espaço escolar e observar as práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa.

4.3. Sobre o perfil das professoras

Neste estudo, observamos duas professoras de Língua Portuguesa com idades diferentes. As duas professoras trabalham nos três turnos atuando, também, numa escola do Ensino Médio. As professoras desenvolvem seus planejamentos quinzenais juntamente com a equipe de coordenadores e orientação pedagógica da escola. Elas dialogam sobre suas práticas e buscam ampliar suas potencialidades participando dos projetos de ensino sendo transparentes no comprometimento para melhorias em suas práticas pedagógicas.

As análises produzidas a partir desta pesquisa podem contribuir para melhorias nas práticas pedagógicas de diversas educadores que este estudo alcançar, podendo também gerar debates e críticas por parte do leitor quanto ao tratamento dado à variação linguística nas práticas pedagógicas dessas professoras. Por esta razão é necessário apresentar informações que auxiliem na descrição das práticas de cada educadora. Assim, faz-se necessário preservar a identidade destas docentes que serão identificadas como P1 – Professora um, e P2 – professora dois.

4.3.1. Professora 1 (P1)

i) Tem 40 anos de idade

ii) Possui Licenciatura em Letras (português) pela universidade (UEMA), e possui especialização em Língua portuguesa com ênfase em gramática.

iii) Leciona há 16 anos – 13 anos nessa escola.

iv) É concursada na rede municipal de ensino e concursada na rede estadual de ensino.

v) Pela rede municipal, trabalha em turmas do 6º ao 9º ano e também na EJA, atuando como professora de Português, Artes e Inglês na modalidade regular. Pela rede estadual, trabalha com as disciplinas de Português e Inglês em turma do 1º ao 3º ano.

vi) Participa dos planejamentos dos professores realizados a cada quinze dias. Participa, também, das formações continuadas realizadas uma vez a cada mês, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação e ministrada pelos coordenadores/formadores.

4.3.2. Professora 2 (P2)

i) Tem 47 anos de idade

ii) Possui licenciatura em pedagogia e licenciatura em Letras (Português).

iii) Leciona há vinte anos. Dez anos nessa escola.

iv) É concursada pela rede estadual de ensino atua nas turmas de 1º ao 3º ano com a disciplina de Português.

v) É contratada pela rede municipal de ensino. Trabalha com a disciplina de Artes e Português em turmas do 6º ao 9º ano.

vi) Participa dos planejamentos quinzenais realizados pelos coordenadores. Participa das formações continuadas mensais, realizadas pela Secretaria Municipal de Educação.

4.4. Etapas da pesquisa

Para o desdobramento desta pesquisa, foi possível articular diversas etapas, sendo que cada uma possui sua importância para se chegar aos objetivos traçados anteriormente. Em primeiro lugar, realizamos o planejamento. Em seguida, as entrevistas, as observações às coletas de dados. E, por fim, procedemos a análise e interpretação dos dados, conforme mostram os itens a seguir:

I- Seleção da escola e das professoras que seriam observadas

II- Reunião com o diretor, coordenador pedagógico e professoras que constituem o grupo de colaboradores, para a organização de dia e horário das observações.

III- Entrevista com as professoras.

IV- Observação das aulas de Língua Portuguesas nas turmas de 7º e 9º ano.

V- Análise das observações e das entrevistas.

É importante ressaltar que, a cada etapa, fomos fazendo anotações que posteriormente seriam as informações fundamentais para as análises descritas neste trabalho. A nosso ver, tais anotações e/ou interpretações dessas anotações se constituem como centro teórico e cognitivo para que pudéssemos chegar à etapa final desta pesquisa que é a escrita deste texto.

4.5. Instrumentos da pesquisa

As ferramentas essências adotadas para a coleta de dados, neste estudo, se restringem à observação das aulas de Língua Portuguesa e entrevistas realizadas com cada professora. Abaixo será apresentado o esboço de cada uma das etapas.

4.5.1. Observação

A escolha desse método ocorreu devido à necessidade de uma maior percepção racional, que nos permita compreender e sistematizar os eventos interligados com os objetivos propostos, sobretudo, no que se refere à prática pedagógica das professoras (PESSOA, 2014).

O período das observações ocorreu entres os meses de maio e junho de 2017, em duas turmas do Ensino Fundamental Maior – 7º ano e 9º ano. Delimitamos uma rotina de observação juntamente com o diretor o coordenador e as respectivas professoras – dez aulas em cada turma sendo que na turma do 7º ano as aulas de português eram ministradas pela professora 1 (P1), e na turma do 9º ano, quem ministrava as aulas era a professora 2 (P2).

Com a observação das aulas, foi possível verificar como ocorre o desenvolvimento do ensino de Língua Portuguesa e como as abordagens sobre as variedades linguísticas têm ou não lugar privilegiado na prática pedagógica das professoras. Foi possível também verificar qual a importância dada ao estudo da oralidade em sala de aula, a partir do qual, pudemos diagnosticar a concepção de língua/linguagem das professoras colaboradoras da pesquisa.

Nesse sentido, objetivando esclarecer as escolhas para este estudo, compreendemos que a metodologia de pesquisa que melhor atende às especificidades deste trabalho é a pesquisa qualitativa com inspirações etnográficas, pois, consideramos que se trata de uma metodologia de pesquisa que nos proporciona uma investigação no local em que a problemática acontece, que melhor se preocupa com questões subjetivas e que, conforme descreve MINAYO (1994):

> responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21)

Nessa perspectiva, a observação é um dos mecanismos mais explorados pelos pesquisadores que norteiam seus estudos por meio de pesquisa deste gênero. Podemos dizer que estes procedimentos nos possibilitaram uma investigação direta com o processo de ensino e aprendizagem. Ainda assim, é pertinente ressaltar que não participamos ativamente do desenvolvimento das atividades, haja vista que nossa presença se delimitava apenas a espectadores.

4.5.2. Entrevista com as professoras

A entrevista consiste em um contato direto entre o pesquisador (entrevistador) e o pesquisado (entrevistado) em um determinado período de tempo no qual o entrevistador elabora as perguntas centralizando suas ideias de acordo com os objetivos que almeja alcançar (PESSOA, 2014).

Formulamos perguntas com antecedência para aplicá-las a ambas as professoras. Enfatizamos que as questões nos direcionavam para o tema central deste estudo – a variação linguística. Algumas perguntas, também, direcionavam-se, excepcionalmente, para a prática docente e formação acadêmica.

Pessoa (2014) afirma que tal direcionamento nos permite conhecer o perfil das professoras e conhecer mais sobre suas práticas pedagógicas no que se refere aos seguintes itens:

a. Identificar suas articulações com os documentos que regem o ensino de Língua Portuguesa no país – os Parâmetros Curriculares Nacionais;
b. Entender como se dá o uso de materiais bibliográficos da área em que atuam;
c. Conhecer os recursos didáticos mais utilizados pelas professoras;
d. Verificar se fazem uso das novas tecnologias digitais;
e. Diagnosticar as limitações apresentadas pelas professoras no ensino de Língua Portuguesa, ainda, transcendendo os aspectos físicos dos dados, saber se se mostram realizadas com a profissão docente.

Justifica-se esse tipo de coleta de dados por considerarmos que um ensino relacionado a uma bibliografia atualizada, tecnologicamente informatizado e aliado aos Parâmetros Curriculares Nacionais, pode ser considerado como um ensino de qualidade cuja prática docente se caracterize como transformadora (FREIRE, 1983). Também, compreender o nível de satisfação dos envolvidos pode revelar a qualidade do ensino, podendo ser mensurado pela sua produtividade, seja ela positiva ou negativa.

Enfatizamos que os procedimentos apresentados são pertinentes para esse estudo, haja vista que a partir desses métodos nos distanciamos de uma conversa aleatória e sem objetivos. Nessa perspectiva dizemos que

> a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto

> da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (NETO, 1994, p. 59).

Diante do exposto, salientamos que as entrevistas superaram as expectativas, pois, com a abordagem informal em meio a uma conversa amigável e descontraída, as professoras responderam às questões espontaneamente de forma que a coleta de dados ocorreu positivamente, e foi possível abstrair o material necessário para análises posteriores.

Ao término da pesquisa, quando finalizamos as entrevistas e concluímos as observações, iniciamos os procedimentos para a realização das análises dos dados e desenvolvimento da escrita deste texto.

O próximo tópico apresenta os resultados produzidos nas coletas de dados, bem como as análises das entrevistas e das observações, com as considerações que julgamos pertinentes para suscitar reflexões sobre os procedimentos e práticas de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

4.6. Análises

Considerando as observações em sala de aula e as entrevistas realizadas com as professoras participantes da pesquisa, ousamo-nos a gerir algumas reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa nesta escola Municipal de Ensino fundamental “José Inocente Júnior”.

Este tópico apresenta as análises obtidas a partir dos dados coletados no decorrer da pesquisa. Tentaremos estabelecer um diálogo entres a nossa análise e os diversos autores que foram os pilares para o desdobramento desta pesquisa. Esboçaremos de forma sistemática o tratamento destinado à variação linguística pelas professoras, seguindo rigorosamente os apontamentos que nos permitiram tais observações.

4.6.1. Sobre a professora 1

Como informado anteriormente, observamos a prática pedagógica da P1, desenvolvida no decorrer de dez aulas de acordo com os horários das aulas de Português na turma do 7º ano A no período matutino. As aulas ocorriam três dias por semana, sendo duas aulas na segunda-feira, duas aulas na quarta-feira e duas aulas na sexta-feira. Esta análise se baseia em uma das aulas observadas.

A turma do 7º ano A, do Ensino Fundamental II (anos finais) é composta por 37 alunos entre 12 e 16 anos. De modo geral, são adolescentes que não se envergonham fácil com a presença de estranhos na sala, sempre entusiasmados, ansiosos e inquietos,

A P1 iniciou informado que os alunos iriam assistir a um filme e, em seguida, fez uma breve sinopse do filme O AUTO DA COMPADECIDA,[4] que já havia informado aos alunos na aula anterior que o exibiria. Antes da exibição do filme, a P1 pediu para que os alunos fizessem anotações, questionamentos sobre as problemáticas possíveis de serem abordadas a partir do filme, antecipou ainda que logo após a exibição do vídeo, os alunos seriam orientados a desenvolver um trabalho. A figura abaixo mostra o planejamento da professora, bem como a atividade que foi desenvolvida antes e depois da exibição do filme.

Figura 05: proposta de atividades da P1

Atividade 1

- Antes de passar o filme, perguntar sobre as possibilidades de temas que o filme oferece.
- Informar aos alunos para fazerem anotações, ao final do filme desenvolver um reconto do filme com as palavras dos alunos.

Atividade 2

De acordo com o filme responda:

a. Onde ocorre a história narrada pelo filme?
b. Quando ela acontece?
c. Quem são os personagens principais?
d. Como é o personagem principal?

Faça um resumo do filme seguindo os comados abaixo:

- Descreva o início do filme;
- Seu Desenvolvimento;
- Seu Final.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

[4] **O Auto da Compadecida** baseado na peça teatral "Auto da Compadecida" de 1955 de Ariano Suassuna.

Analisamos o desenvolvimento da aula, a jugar pelos equipamentos utilizados pela professora, ainda, de acordo com as respostas dadas por ela durante a entrevista. É possível dizer que a escola está munida de equipamentos midiáticos, à disposição dos professores e que, o uso correto destes equipamentos aliados a planejamentos desafiadores, pode potencializar as práticas pedagógicas dos professores. A P1 apresentou uma boa habilidade no uso apropriado destes recursos midiáticos. Mostrou familiaridade com os equipamentos ao manuseá-los sem a necessidade de um auxílio técnico ou de terceiros.

No decorrer da entrevista, a P1 ressaltou que, sempre quando possível costuma utilizar os mais diversos recursos como jornais, revistas, livros literários, entre outros, e que costuma levar os alunos ao laboratório de informática para lá fazerem pesquisa. A P1 enfatizou a necessidade de uma reorganização da equipe gestora, haja vista que alguns computadores não funcionam mais e alguns aparelhos e amplificadores não estão mais em uso devido à falta de manutenção. Ainda assim, segundo ela, o uso de tais recursos, desperta a atenção dos alunos, e faz o professor se desprender do modelo tradicional de ensino e do uso constante do livro didático e do quadro-branco.

No que se refere aos obstáculos apresentados pela P1, quando questionada sobre os desafios enfrentados no exercício diário da profissão, respondeu que um dos grandes desafios é a falta de interesse dos alunos pela aprendizagem, os quais constantemente saem da sala de aula sem permissão para brincar na quadra de esporte da escola, ou quando estão em sala de aula, estão quase sempre conversando, mexendo nos aparelhos de celulares, atrapalhando os demais colegas.

Consideramos que uma prática pedagógica tipicamente tradicional, com o uso constante do quadro negro e do livro didático, que não desafia o aluno a desenvolver suas habilidades de raciocinar e resolver problemas complexos, uma prática cujo ensino se direciona para uma constante acumulação de conteúdo que entende o aluno como um mero receptor de informação e não como um produtor do conhecimento e transformador social (FREIRE, 1983), podem contribuir para que os alunos fiquem desinteressados e não tenham atenção em sala de aula.

Ao ser questionada sobre a satisfação de ser professora, a P1 salientou que se adaptou à profissão e que por isso gosta de trabalhar nesse ambiente e concluiu dizendo

que a profissão docente é muito importante pois considera esta ser o berço de todas as outras profissões.

Ao abordarmos sobre um ensino de Língua Portuguesa articulado aos Parâmetros Curriculares Nacionais, a P1 respondeu que trabalha de acordo com a grade curricular elaborada pela SEMED e disponibilizada pela equipe de coordenadores. Assim, os eixos temáticos dessa disciplina, tais como Gramática, Leitura e Produção Textual, foram abordados pela P1, quando explorou aspectos do filme de cunho mais estrutural e técnico como a ortografia, pontuação e concordância), reconto do filme a partir das percepções dos alunos, entre outros, como mostrou a figura 01.

Este estudo considera que a professora parece não estar em sintonia com os novos conteúdos e com os documentos oficiais que regem o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, isto é, ela aparece desconhecer a bibliografia que conceitua as vertentes teóricas norteadoras dos elementos que reconfiguram essa disciplina, haja vista que, quando perguntada sobre seu conhecimento e uso dos PCN's, ela respondeu que não tem acesso a eles nem às pesquisas e estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa no país, conforme pode ser constatado no trecho abaixo:

> Atualmente nós temos um... uma espécie de conteúdo que já são direcionados pelo município, que a gente siga, então a gente planeja com base nesse conteúdo. Todo planejamento os coordenadores entregam pra a gente daí a gente seleciona os conteúdos que vão ser trabalhados nos próximos dias. Mas assim, eu acredito que ele seja, sim, baseado pelos PCNs. [Relato da professora P1]

Ainda que a P1 faça bom uso dos recursos midiáticos disponíveis na escola de forma divergente ao método tradicional de ensino, em que há primazia do uso do livro didático e do quadro-branco como os únicos recursos necessários, observamos, no que se refere ao tratamento dado à variação linguística, que a P1 baseia sua metodologia somente no ensino da norma padrão. Ainda que reconheça as diferentes formas do uso língua, a P1 justifica o ensino da variedade padrão como sendo necessária por considerá-la a mais importante e, portanto, a única variedade que deve ser usada em sala de aula, contribuindo para a perpetuação do mito da língua homogênea e, ao mesmo tempo, para sua hegemonia em detrimento das outras variedades linguísticas, como podemos perceber em um trecho de sua entrevista a baixo:

> Toda forma de linguagem, ela é válida desde que o outro entenda o que foi falado. Os alunos, eles têm acesso a inúmeros tipos de linguagem. Então,

> devemos aproveitar ao máximo que eles têm, mas na escola nunca devemos esquecer da gramatica normativa, padrão porque é a mais importante. [Relato da professora P1]

Dizemos, pois, que há situações sociais em que se faz necessário o uso da variedade padrão, mas há também situações em que o uso da variedade padrão é dispensável e até inadequado. Em se tratando de atividades de exploração textual (cf. figura 01), seria muito oportuno a professora desenvolver atividades que levassem os alunos a perceber as peculiaridades das modalidades oral e escrita da língua. Mas, ao contrário, a P1 pediu aos alunos que respondessem à atividade proposta (figura 01) observando o uso correto da ortografia, concordância e pontuação, como se, ter o domínio desses conteúdos fosse garantia para um bom desempenho verbal em uma situação real de interação sociolinguística.

Pelo que podemos observar, P1 compreende a língua/linguagem como expressão do pensamento e, por isso, sua prática pedagógica está orientada apenas pelo ensino e aprendizagem da norma padrão. Daí justificam-se atividades como o uso da ortografia correta, concordância e pontuação. Nessa perspectiva, o aluno que comete algum "erro" não está conseguindo expressar suas ideias corretamente e deve ser "corrigido", embora, a nosso ver, todos, inclusive a professora que o corrigiu entendam perfeitamente a mensagem veiculada pelo aluno. P1, infelizmente defende apenas o ensino da gramática normativa por ser, segundo ela, a única forma de fazer com que o aluno aprende a falar a variedade culta da língua portuguesa, como mostra o trecho abaixo:

> Os alunos têm que aprender a falar correto, pra aprender a falar correto, precisam aprender a gramática, senão, não adianta estudar a lingua portuguesa. Tem mais... quando eles têm que fazer o ENEM. Lá eles vão precisar da gramatica, e ai?...como é que fica? Se não aprenderem aqui na escola. Eu vejo que todas as formas de falar é importante, mas o aluno tem que aprender na escola a forma padrão da língua. [relato da professora P1]

Para P1, falar correto é falar segundo as prescrições das gramáticas normativas e não segundo as situações de interação verbal. Parece que P1 não compreende que cada variedade linguística apresenta um leque de situações próprias que, de modo geral, não pode ser substituída por outras sem causar estranhamento ou até mesmo destruir a possibilidade de comunicação (cf. PERINI, 2003, p. 24).

Nesse sentido, é importante e necessário que a escola conceba a língua como uma teia de articulações que interliga as diversas variedades às diversidades situacionais para que ela desenvolva um ensino que respeite à variedade usada por seus alunos e a

utilize como suporte para aprendizagem de outras variedades, inclusive a padrão. Sendo assim,

> cabe à escola motivar o aluno a produzir desde um bilhete até uma carta formal, dependendo dos diversos interlocutores ou da situação comunicativa, para que este seja capaz de proceder à leitura de mundo e desenvolver a fluência discursiva e enunciativa necessária, de forma que contribua para uma atuação participativa na sociedade em que está inserido. Nesse universo, deve estar incluído o trabalho, também, com a oralidade, contemplando o *continuum* formalidade/informalidade (PESSOA, 2014 p.81).

Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa estaria de acordo com os objetivos gerais pautados nos PCN's para essa modalidade de Ensino Fundamental. O professor por sua vez, quando consegue articular tais inferências, passa a se aproximar dos objetivos propostos nos documentos oficias que regem o ensino da língua, ainda que superficialmente, faz com que os alunos consigam perceber as diversas vertentes da linguagem como inferências, reconhecimento de intenções de cada falante, atitude crítica, utilização de recursos figurativos, entre outros (PESSOA, 2014).

A P1 argumentou, ainda, que quando o aluno aprende a variedade padrão da língua, pode este ter sucesso na vida, ao realizar entrevistas de emprego, ou provas que necessitam de redação, entre outras, pois é esta a variedade que goza de prestígio social. A nosso ver, ao afirmar que a variedade padrão da língua tem mais valor, a P1 contribui para o preconceito linguístico, pois, em outras palavras, supõe que toda e qualquer variedade da língua que não seja a padrão, não tem valor social, e, por esse motivo, não se pode considerar seu ensino em sala de aula.

O trecho acima mostra ainda que a P1 considera todas as formas de variação linguística existentes na sala, todas as expressões utilizadas pelos alunos, as quais, segundo ela, são o suporte para dar significados às questões referentes às variedades da língua. Dizemos, pois, que a justificativa da P1, não corrobora com sua prática em sala de aula, pois, "o processo de ensino de língua materna está reduzido a um ato mecânico, descontextualizado, desconectado das reais necessidades interacionais dos estudantes" (PESSOA, 2014, p.85).

4.6.2. Sobre a professora 2

Foram observadas dez aulas da P2 desenvolvidas em três dias letivos da semana, sendo duas aulas na terça-feira, duas aulas na quarta-feira e duas aulas na sexta-feira, na

turma do 9º ano A, no período da manhã. Esta análise tem como base uma das aulas observadas.

Os alunos que compõem a turma do 9º ano do Ensino Fundamental – segundo segmento, de modo geral são adolescentes com idades entre 12 a 15 anos, sendo que muitos já trabalham em casa ou desenvolvem alguma atividade remunerada. À medida que, aos poucos, se inserem no mercado de trabalho, conseguem articular a vida fora da escola com as atividades escolares. Ainda que estes estejam assumindo certas responsabilidades tipicamente adultas, o comportamento de muitos em sala de aula ainda é de descontração, algazarras e bastante conversas paralelas.

A P2, ao iniciar a aula, foi obrigada a alertar os alunos para que se comportassem, pois iria distribuir algumas questões sobre as festas juninas que seriam respondidas posteriormente. Logo após o alerta começou a falar sobre as festas juninas, mas não obteve êxito na interação como os alunos, depois distribuiu a atividade informando que devolveria na próxima aula após corrigir as respostas. Dito isso, a professora distribuiu a atividade apresentada na figura abaixo.

Figura 06: proposta de atividades da P2

Atividades

1. A quadrilha tem origem:
   a. ( ) brasileira
   b. ( ) francesa
   c. ( ) espanhola

2. Qual a música predominante nas Festas Juninas?
3. Quais são os santos comemorados no mês de junho?
4. Qual a sílaba tônica da palavra quadrilha?
5. Esta festividade foi trazida para o Brasil por:
   a. ( ) italianos
   b. ( ) portugueses
   c. ( ) espanhóis

6. Qual o nome do Santo que é considerado casamenteiro?
7. A palavra música em relação a sílaba tônica é:
   a. ( ) oxítona
   b. ( ) paroxítona
   c. ( ) proparoxítona

8. Em que região as Festas Juninas ganham maior expressão?
9. Quais são os instrumentos musicais mais característicos da quadrilha?
10. Faça a divisão silábica da palavra predominante.
11. Cite um símbolo do São João.
12. Que tipo de locução nós temos na expressão Festas de junho?

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Durante a entrevista, a P2 relatou fazer uso do livro didático quase sempre no desenvolvimento de sua prática. Para além deste recurso, disse que faz pesquisas na internet de atividades interessantes para sair um pouco da rotina do quadro branco. Observamos que a professora não faz uso do laboratório de informática, nem dos recursos digitais disponíveis na escola.

Quando questionada sobre os desafios encontrados, a P2 apontou a falta de colaboração dos alunos, o desinteresse pelas aulas e o constante uso dos aparelhos de celulares em sala de aula como os fatores que inviabilizam o desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa, como mostra o trecho abaixo:

> É muito difícil competir com esses celulares, os alunos escondem dentro da bolsa, aí, quando você vira as costas já então malinando nos celulares, mas não adianta, a gente bota pra fora, pra ver se dá exemplo pros outros, mesmo assim,... para ali um pouquinho mas, cinco minutos depois, tá do mesmo jeito. Isso atrapalha muito a aula, se você for dar muita atenção, passa a aula toda tomando telefone de aluno. [Relato da professora 2]

No que tange aos aspectos relativos à satisfação docente, a P2 lamentou que a profissão docente seja pouco reconhecida pelos órgãos competentes. Disse que, apesar de gostar de ensinar, se tivesse uma segunda chance, não faria escolha pela profissão docente.

> Aqui nesse município, professor não tem vez, é jogado feito cachorro de rua, ainda mais se você for contratada, ai que a coisa é mais feia, todo começo de ano tem aquela humilhação de contrato, a gente não sabe se vai continuar trabalhando ou se vai perder o emprego. Eu já vi muitos companheiros que vieram pra cá comigo, e foram embora porque não conseguiram contrato, e são professores muito competentes, mas, a gente não é reconhecido, não importa o se você faz um bom trabalho, o que importa é se você tem as "costas quentes"(político com influência na lotação), se não for assim!... você fica de fora. Então...(pausa). Se eu soubesse que ia ser essa frescura toda, não tinha entrado nessa área. Mas, é assim mesmo, a gente sempre pensa que um dia vai melhorar, o jeito é esperar esse dia chegar. [Relato da professora 2]

Ainda durante a entrevista, a P2 enfatizou que seu trabalho está de acordo com os eixos temáticos da disciplina que leciona, pois, sempre que apresenta um texto aos alunos, faz menção ao gênero textual, sílaba tônica, classe gramatical, etc., dependendo do planejamento para aquela aula. A nosso ver, tendo, enquanto suporte para esse

argumento a atividade 02 exposta acima, não houve discussão sobre variação linguística, haja vista que nenhum outro aspecto da língua foi abordado pela professora.

A P2 revelou não fazer uso dos PCN's, mas afirmou seguir o cronograma da grade curricular do município proposto pela Secretária de Educação. Argumentou que fazer uso destes documentos oficiais que regem o ensino é muito importante para que o professor melhore sua prática. Ao ser questionada sobre o uso das referências bibliográficas para o ensino de Língua Portuguesa, a P2 disse:

> Minha filha, como é que a gente vai ter tempo pra estudar essas coisas? Eu saio de casa cedinho e só volto à noite, ai quando eu chego, tô morta de cansada, a gente passa o dia todo batendo cabeça com aluno que não quer nada da vida, ai chegando em casa ainda tem que fazer alguma coisa, organizar o material pro outro dia, dá atenção pra filho e pro marido. Me fala quem dá conta... (risos).
> ...Mas eu acho muito importante esses estudos novos, infelizmente não tenho tempo pra isso. Eu acredito que a grade que a gente recebe dos coordenadores está de acordo com os Parâmetros, eles que tem que ver isso, porque eu não tenho tempo pra mexer com essas coisas não [Relato da professora 2].

Diante do exposto, dizemos que a docente têm encontrado dificuldades de se inteirar dos documentos que balizam o ensino de nossa língua e deixa de inovar sua prática privando os alunos das novas formas de exploração da linguagem. Tais recursos podem contribuir para que a docente reflita sobre sua atuação em sala de aula, também para enfrentar os diversos desafios recorrentes da profissão. Nessa perspectiva, enfatizamos que tais recursos não podem ser deixados de lado no processo de produção do conhecimento significativo, tampouco devem ser observados como material didático, mas sim como um subsídio que contribua significativamente para reflexão e capacitação docente.

Entendemos que os PCN's podem ser importantes aliados para a estruturação de um ensino voltado para as necessidades dos alunos. A P2 tem livre acesso a estes documentos entre outras referências bibliográficas disponíveis na escola, no entanto, conforme revelado na entrevista, não faz uso de tais recursos por falta de tempo. Assim, acreditamos que a P2 não tem conhecimento e/ou está equivocada quanto à importância deste recurso para o desdobramento de sua prática pedagógica.

A P2 disse, ainda, que é muito importante o ensino da gramática normativa. Segundo ela, isso faz com que os alunos adquiram habilidades para o uso da variedade

padrão da Língua Portuguesa quando estiverem em diferentes situações que requeiram o uso dessa variedade. Como mostra o trecho abaixo:

> Eu vejo que ensinar a gramática é muito importante, porque é ela que vai ajudar essas crianças quando forem fazer a redação do ENEM, ou uma prova de vestibular ai pra fora, então a gente tem que ensinar muito a gramática, e mostrar pra esses alunos como é que se fala correto. Eu acho feio quando to no pátio e vejo um professor falando errado, onde ta o exemplo? Se agente não ensinar essas crianças a falar certo, quem é que vai? Depois a culpa sempre fica em cima da gente que trabalha com português, por isso, sempre que possível eu corrijo um aluno e ensino como é que a gente tem que falar direito. [Relato da professora 2]

A P2, bem como a P1, disse dar importância a todas as formas que os alunos utilizam para se expressarem em sala de aula. Salientou que avalia juntamente com os alunos a forma como eles utilizam a Língua Portuguesa, apontando as formas 'corretas' e mais adequadas para a utilização. Ela mostrou preocupação ao dizer que os alunos não têm o hábito de leitura. Disse, ainda, que os alunos fazem uso de diversos palavrões e gírias em sala de aula, sobretudo os alunos do sexo masculino, o que, segundo ela, faz com que o repertório vocabular dos estudantes seja prejudicado, como mostra o trecho a seguir:

> Hoje em dia os alunos aprendem muita coisa na internet, tudo que eles vê por lá eles querem trazer pra escola, agora a moda é falar "foda-se", tudo que eles falam terminam com essa frase... "há não sei o que, não sei o que. Foda-se!" Meu Deus, isso estraga com o vocabulário desses alunos, e pra eles isso é normal e as meninas ainda acha bonito. A gente sempre tenta incentivar essas crianças a ler, mas hoje em dia ninguém lê mais, ai o que eles fazem é ficar o tempo todo no celular e aprendendo essas coisas feias ai, que, eu, sinceramente, não sei como esse tipo de coisa vira moda. É um monte de palavrões, de gírias de malandro que essas crianças usam em sala de aula. Que Deus me livre! [Relato da professora 2]

No que se refere ao uso das gírias pelos alunos, salientamos esta ser uma excelente oportunidade para trabalhar esse tema em sala de aula, visto que é possível oferecer aos alunos oportunidades para discutir as adequações e inadequações da fala na diversidade de contextos interacionais nos quais os sujeitos se encontram.

Quanto a ênfase dada às variações linguísticas, a P2 respondeu que aborda essa questão em sala de aula. No entanto esta temática só é trabalhada em determinados bimestres do ano letivo. Nesse sentido, o estudo da variação linguística é tratado apenas como um tópico ou conteúdo a ser ministrado em determinado momento e não como uma prática cotidiana dos alunos e professores. Assim, não se desenvolvem as

habilidade e competências linguístico-comunicativas dos alunos, seja na modalidade oral, seja na escrita.

O ensino da gramatica normativa ocorre descontextualizado com as aulas de leitura ou produções textuais, haja vista que não estabelece articulações com o ensino da variação linguística. É pertinente ressaltar a necessidade de um ensino de Língua Portuguesa que articule gramática, leitura, produção textual variação linguística e contextos ou condições de produção discursivos para que sejam desenvolvidas novas habilidades e competências orais e escritas nos alunos.

Diante do exposto, entendemos que exista uma fragilidade por parte da professora pesquisada em compreender os objetivos expostos nas teorias proposta nos documentos oficias que regem o ensino de Língua Portuguesa. É importante ressaltar que nesse universo onde reinam as mais diversas variedades da língua oral, não é permitido discriminar os sujeitos detentores da fala e não se pode confundir as funcionalidades da língua e seus diferentes contextos (MARCUSCHI, 2001 *apud* PESSOA, 2014).

Dizemos, pois, que o ensino da variação linguística pode ocorrer tanto em forma de conteúdo no qual é possível compreender sistematicamente as características de cada variação podendo ser comparado com as especificidades das outras variações incluindo também a gramática normativa de cada estrutura, como também pode perpassar toda prática pedagógica do professor ao longo do ano letivo. Neste sentido,

> O docente oportunizaria as situações eventuais em que há questionamentos dos alunos – ou realizações linguísticas inadequadas a contextos (in)formais – e os orientaria em relação à necessidade de adequação à norma como uma imposição dos contextos sociais e suas múltiplas composições. (PESSOA, 2014 p.87).

Sendo assim, é possível dizer que se

> a variação linguística discutida na escola, for inserida na matriz do multiculturalismo brasileiro, teremos mais oportunidade de discutir a estrutura da língua padrão, descrita nos compêndios de gramática normativa, à luz das características de nossa fala brasileira; poderemos identificar os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas; poderemos também ler com mais interesse a literatura brasileira que, desde o modernismo, incorporou modos brasileiros de falar. (BORTONI-RICADO; OLIVEIRA *apud* PESSOA 2014, P.87).

Nessa perspectiva, este estudo defende a necessidade de transformações na prática pedagógica da professora e no ensino de Língua Portuguesa. Enfatizamos a necessidade de articulação do ensino da variedade padrão da língua com as diversas possibilidades contextuais de uso da língua. Sendo assim, a P2 pode usufruir dos conhecimentos linguísticos do aluno que lhe possibilita interagir socialmente quando se depara em meio a diferentes ocasiões sociais. Assim, cabe ao professor potencializar as habilidades linguísticas do aluno até mesmo para o aperfeiçoamento da manipulação da variedade padrão.

4.7. P1 e P2, atividade em comum.

Durante o período de observação, percebemos que as P1 e P2, abordaram, nas respectivas turmas em que ministravam, o tema referente à variação linguística. No desenvolvimento da atividade, apresentaram para os alunos a figura abaixo:

Figura 07: Tirinha trabalhada em sala de aula

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

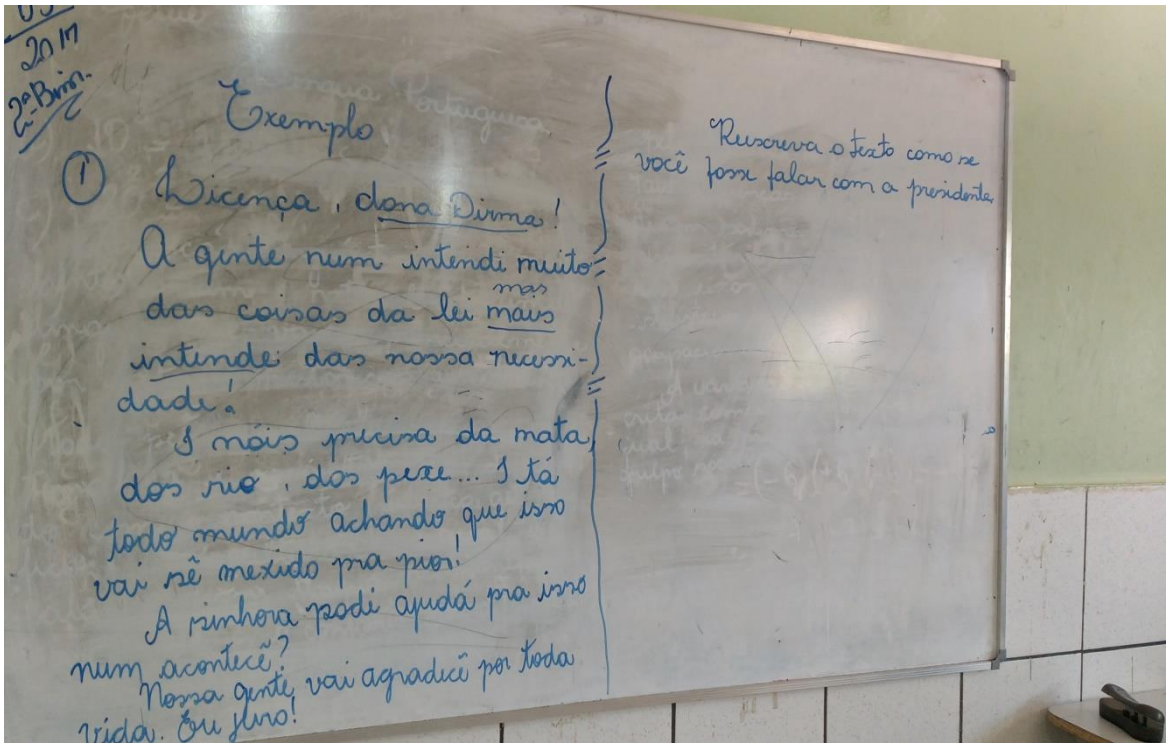
Ao apresentar esta tirinha aos alunos, as professoras fizeram uma leitura coletiva do texto exposto. É importante dizer, que durante a leitura foi perceptível o humor dos alunos, quando começaram a rir exacerbadamente diante da escrita do texto, pois, os alunos entenderam que a variação apontada neste trecho era um amontoado de erros ortográficos, e que, de acordo com as orientações repassadas pelas docentes, tais erros não poderiam ser usados num discurso ou em qualquer tipo de conversa.

Apesar do preconceito, sabemos que o leitor ao ler essa tirinha compreende essa mensagem de modo que ela não está errada. Inclusive é perceptível o esforço do locutor em acomodar seu discurso ao do interlocutor, quando usa a expressão “licença” por saber que, como está falando com a presidente, é necessário fazer uso uma linguagem mais formal.

Após apresentar esta figura, as professoras P1 e P2 pediram aos alunos para fazerem uma leitura coletiva e apontarem os erros ortográficos expressos no texto, em seguida pediram para que os mesmos fizessem uma reescrita do texto, enfatizando o modo como eles (alunos) falariam com a presidente, em outras palavras; a orientação

dada pelas professoras era a de que os alunos utilizassem o mesmo texto da figura acima, no entanto teriam que usar a forma padrão da língua, como mostra a figura abaixo:

Figura 08: atividade em sala



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A figura acima, apresenta uma atividade sobre variação linguística de acordo com o planejamento das P1 e P2, observados em sala de aula. Os alunos reescreveram o texto, conforme as orientações, e foram individualmente mostrar seus cadernos para as professoras que, novamente, foi corrigindo os erros de ortografia.

Percebemos que ambas as professoras se confundem, pois, a ortografia "errada" ou mesmo os sotaques não são erros linguísticos. Assim, a professoras, trabalhando equivocadamente com as variedades diatópicas e diastráticas, alimentam a ideia do preconceito linguístico, ao enfatizar que os usuários da fala representada na tirinha pertencem à comunidade rural e provavelmente têm pouco ou nenhum estudo formal.

Entretanto, para tratar deste assunto reportamo-nos as ideias apresentadas no capítulo anterior enfatizando as interações verbais entre locutor e ouvinte, dizemos que tais interações revelam múltiplas especificidades que constituem a identidade dos sujeitos falantes (RODRIGUES, 2002).

4.8. Conclusão

A inevitabilidade dos fatos nos obriga a dizer que o ensino da variação linguística na Escola José Inocente Júnior foi deixado de lado e/ou tomado como sem importância. Esta pesquisa revela que as articulações entre os níveis informais formais e as modalidades oral e escrita da linguagem não são compreendidas adequadamente pelas professoras. Sendo assim, o discurso reverberado mostrou que não há necessidade de se trabalhar a língua falada no ambiente escolar, por considerarem que ela é utilizada somente em espaços não formais.

Percebemos, que mesmo após a inserção de estudos da sociolinguística no Brasil e sua expansão epistemológica difundida nos cursos de formação de professores de Língua Portuguesa, nosso estudo aponta para uma predominante incerteza no que se refere à articulação do ensino de variação Linguística aliado aos conteúdos de ensino nas aulas de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi descrito e analisado neste estudo, somos favoráveis à ideia de que os alunos devem ser ensinados a saber se expressar na variedade padrão nos momentos em que as situações de interação linguística exigem o uso formal da linguagem, mas devem também ser estimulados a usar o vernáculo, isto é, a variedade linguística que apreenderam na interação com sua família, com as pessoas de seu bairro em diversas situações comunicativas não padrão, em situações não formais.

De modo geral, acreditamos que a escola deve tratar da questão linguística de modo significativo aos educandos, para que estes tenham a garantia não só do uso de sua variedade linguística, mas também de seu estudo na escola e, sobretudo, do respeito de sua variedade no espaço escolar, afim de que ela saia da condição atual de variedade estigmatizada, considerada como uma corruptela do dialeto padrão para ocupar o espaço que ela realmente merece: o de mais uma possibilidade de expressão linguística, adequada a determinados contextos de interação verbal.

5.0. ANEXO:

PESQUISA DE TCC DAIANY R. MIRANDA

"O ENSINO DE PORTUGUÊS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EMEF JOSÉ INOCENTE JÚNIOR, VILA CRUZEIRO DO SUL, ITUPIRANGA – PARÁ".

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. Qual seu nome? Qual sua formação? Qual instituição? Há quanto tempo leciona língua Portuguesa no Ensino Fundamental?

2. Suas aulas são compartimentadas: Gramática / Leitura / Produção Textual, ou você interliga esses eixos. Poderia explicar?

3. Você utiliza os "Parâmetros Curriculares Nacionais" para o Ensino Fundamental elaborado pelo MEC? Ou, ainda, utiliza outros livros de Linguística que você ou a escola dispõe? Fale um pouco sobre essas questões.

4. Qual a importância que você dá ao ensino da gramática normativa que leva o aluno a se apropriar da variedade culta?

5. Você considera todas as formas de expressão linguística em sala de aula? Explica na sala de aula a respeito da adequação linguística ou acha que a escola só deve se preocupar com o ensino formal (prescritivo)?

6. Você trabalha, em sala de aula, as diversas variedades linguísticas (familiar, coloquial formal, oratório, por exemplo)? De que forma – explora diariamente ou em um capítulo específico?

7. Como você vê a questão da oralidade em sala de aula (a forma que seus alunos falam lhe diz alguma coisa)?

8. Que tipo de material didático você utiliza nas suas aulas? Que tipo de material a escola dispõe? Todos os alunos têm acesso ao material didático? Poderia fazer comentário sobre o material didático utilizado?

9. Você procura diversificar o material didático? De que forma e com que frequência?

10. Você faz uso de novas tecnologias em suas aulas? Você e seus alunos possuem acesso às novas tecnologias? De que tipo? Você considera importante o uso de novas tecnologias? Quais são os benefícios e as dificuldades encontradas?

11. Você enfrenta dificuldades junto aos alunos? De que natureza?

12. Se pudesse escolher, seria professora? Por quê?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos, 1961- **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**/São Paulo: Parábola Editorial, 2009.il.- (Educação Linguística;v.3)

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2.ed. São Paulo: Loyola,1999.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris, **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**: São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana de. **Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno?** In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs) **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito.** São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC/SE, 1998. Vol.3.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacional: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALDART Roseli Salete; PEREIRA Isabel Brasil, ALENTEJANO Paulo e FRIGOTTO Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**.– Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

DESLANDES, S. F.; NETO, C. O.; GOMES, R. MINAYO, C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade,** ed. 21. Petrópolis: Vozes, 1994.

FÁVERO, L. L. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido, -** São Paulo. 14ed. Paz e Terra, 1983.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1994.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

MESTHRIES, R. Sociolinguistics and sociology of language. In: SPOLSKY, B. & HULT, F. (Orgs.). *The Handbook of Educational Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2008. p. 67-82.

MILROY, J. & MILROY, L. Varieties and variation. In: COULMAS, F. (org.). *The Handbook of Sociolinguistics*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2007. p. 33-45.

PESSOA, Ercilene Azevedo Silva. **O tratamento da variação linguística no ensino de língua portuguesa**.João Pessoa, 2014.

RODRIGUES, A. D. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, M. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 11-36.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

SCHERRE Maria Marta Pereira -São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito.